

caes

DC7
COMUNICA

Ano 42
nº 326
Out/2026



MEDICINA VETERINÁRIA DE QUEM CONHECE, PARA QUEM ENTENDE

www.caesegatos.com.br

ENTREVISTA

OUTUBRO ROSA:
BRUNO ROQUE
DESMISTIFICA
A CORRELAÇÃO
ENTRE CASTRAÇÃO
E TUMOR DE MAMA

PET BUSINESS

REFORMA
TRIBUTÁRIA:
COMO SE PREPARAR
PARA 2027

ESPECIAL

OBESIDADE:
MUITO ALÉM
DOS QUILOS
A MAIS

O BRASIL NO TOPO DA CIÊNCIA VETERINÁRIA

PREMIERPET INVESTE CONTINUAMENTE EM PESQUISAS
CIENTÍFICAS PARA OFERTAR CONHECIMENTO AOS
MÉDICOS-VETERINÁRIOS E FORNECER NUTRIÇÃO DE PONTA
COM RESULTADOS COMPROVADOS A CÃES E GATOS



Colocou, ajustou, bora!

**Seresto™ é a coleira que protege gatos
contra pulgas e cães contra pulgas
e carrapatos por até 8 meses.**



- Aliada dos animais alérgicos devido ao modo de ação que elimina os parasitas por contato.
- Polímero exclusivo que permite uma liberação gradual e controlada dos ativos em baixas doses.
- Princípios ativos: imidacloprida e flumetrina.
- Não tem cheiro, não solta pó e é resistente à água.
- Excelente custo-benefício.



Acesse o QR Code
e saiba mais em

Elanco **Vets**
.com.br

Siga também **@elancopetsbr** no Instagram.

Seresto™

Elanco



**cães
& gatos**

FUNDADOR

Osvaldo Penha Ciasulli (MtB: 32.517)
osvaldo@dc7comunica.com.br

CEO

Diogo Ciasulli
diogo@dc7comunica.com.br

**DIRETORA
DE NEGÓCIOS**

Jaqueline Ridolfi
jaqueline@dc7comunica.com.br

**GERENTE DE
COMUNICAÇÃO**

Danielle Assis (MtB: 83.299)
danielle@dc7comunica.com.br

REPÓRTER WEB

Stéfani Campos Chagas (MtB: 93.684)
stefani@dc7comunica.com.br

EDITOR DE ARTE

Daniel Guedes (MtB: 33.657)
daniel@dc7comunica.com.br

**MARKETING / EVENTOS
SOCIAL MEDIA**

Raiane Modesto
raiane@dc7comunica.com.br

**COLABORADORES
DESTA EDIÇÃO**

Ana Falcão Gierlich, Ana Purchio,
CRMV-SP, Erika Pereira, Franciele Pavei,
Jessica Caroline Ferreira da Silva, José
Luiz Tejon, Monique Paludetti, Nayla
Fernanda de Freitas, Paulo Abílio Varella
Lisboa, Raquel Naomi Tanaka Scaduto,
e Thais Ximenes

CIRCULAÇÃO DIRIGIDA

A Revista Cães&Gatos (ISSN 0103-278X) é uma publicação brasileira e mensal. Seu conteúdo editorial é focado na profissionalização do mercado pet. Os artigos assinados não expressam necessariamente a opinião dos editores. Não é permitida a reprodução parcial ou total dessa publicação, por qualquer meio, sem prévia autorização da editora, sob as penas de Lei registrada no Regime Especial DRT-1 nº 011391/90.

Periodicidade: Mensal



É A VEZ DO BRASIL!

Já há alguns anos, a Medicina Veterinária brasileira tem despondido em comparação a outros países, porém nunca a ciência produzida pelos pesquisadores do Brasil rendeu tantos frutos.

Esse tem sido um ano de grandes conquistas para os médicos-veterinários. No Congresso da Sociedade Europeia de Nutrição Clínica Veterinária (ESVCN), realizado em Nápoles, na Itália, no mês de setembro, 20 estudos de eficácia clínica aprovados para apresentação foram produzidos por cientistas brasileiros.

Também em 2026, a doutoranda Laís Oyama Cotrim Lima recebeu o prêmio Waltham Award, concedido pela American Academy of Veterinary Nutrition. Esses resultados representam apenas uma parcela da força e do talento que a ciência produzida no Brasil tem.

Eles mostram que os médicos-veterinários brasileiros não apenas conseguem realizar uma prática clínica de excelência, como também conduzem estudos que podem revolucionar o cuidado com cães e gatos. Esse foi o tema da nossa matéria de capa.

Além desse tema, também abordamos nesta edição um outro tópico muito importante: a reforma tributária e como os profissionais do setor podem se preparar para as mudanças que terão início em 2027.

Em nossas páginas, você ainda irá conferir um especial sobre obesidade em cães e gatos, a correlação entre castração e tumor de mama em cadelas e gatas, os aspectos da ansiedade de separação nos pets, o uso de antirretrovirais para tratamento de FIV e FeLV e muito mais.

Boa leitura!



Jaqueline Ridolfi
Diretora Comercial e
Editorial

» NO MIOLO

| PETBUSINESS

10 • REFORMA TRIBUTÁRIA

Como se preparar para 2027

| VETERIANÊS

18 • O BRASIL NO TOPO DA CIÊNCIA VETERINÁRIA

PremieRpet investe continuamente em pesquisas científicas para ofertar conhecimento aos médicos-veterinários e fornecer nutrição de ponta a cães e gatos

32 • OBESIDADE

Muito além dos quilos a mais

44 • FELINOS

O desafio do tratamento antirretroviral para FIV e FeLV

48 • ACROMEGALIA

Além do diabetes

| ZOOM

26 • - ANSIEDADE DE SEPARAÇÃO

A importância da abordagem multimodal

| RADAR PET

30 • HILL'S

O papel dos alimentos coadjuvantes para obesidade

36 • ADIMAX

Fatores invisíveis que atrapalham a perda de peso em cães

42 • ELANCO

Uma nova era para o tratamento do diabetes mellitus felino

52 • NESTLÉ PURINA

Apetite seletivo em cães: como a nutrição pode ajudar

| SEÇÕES

- » Editorial **3**
- » On-line **6**
- » Boletim Paulista **8**
- » Mercado **9**
- » ABBEA **35**
- » Guia Jurídico **50**
- » Marketing **62**
- » Tejon **64**

| OUTROS AUTORES

29 • VETNIL

Vetnil® reúne 600 participantes no 7º Encontro de Residentes em Medicina Veterinária

38 • CLÍNICA MÉDICA

Laserterapia na Medicina Veterinária: entre a promessa e a evidência

46 • AVERT

Estudo brasileiro aponta benefícios da associação de tramadol e dipirona no pós-operatório de cães

56 • NUTRIÇÃO

Goma xantana nos sachês: devemos nos preocupar?

58 • VETNIL

Vetnil® reúne 550 profissionais no 1º Encontro Nacional de Veterinários Domiciliares

60 • PET SILVESTRE

Intoxicações alimentares fatais em calopsitas

| PETFOOD

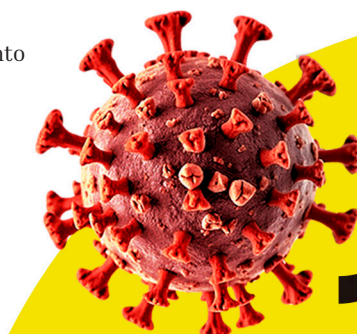
54 • ACEITAÇÃO DOS ALIMENTOS

Palatabilidade além do sabor

| PONTO FINAL

66 • WSAVA 2026

Odontologia Veterinária ganha novas diretrizes



ENTREVISTA

OUTUBRO ROSA

BRUNO ROQUE

Desmistifica a correlação entre castração e tumor de mama



Cardisure

Pimobendan

Tratamento da insuficiência
cardíaca congestiva canina



SmartTab

Tecnologia para
facilitar a divisão
de comprimidos.

Palatável
sabor carne



Flexibilidade
na dosagem



Dechra

UM MÊS PARA OLHAR ALEM: OS DEBATES QUE GANHARAM ESPAÇO NO SETOR PET

SETEMBRO foi marcado por pautas que aproximaram ciência, saúde, comportamento e mercado pet, com destaque para a valorização da Medicina Veterinária e pela presença do portal em encontros importantes do setor.

Entre as campanhas e datas comemorativas estiveram o Dia do Médico-Veterinário, o Dia do Cliente, a chegada da primavera, o Dia de Defesa da Fauna e o Dia Mundial da Luta contra a Raiva.

O grande prestígio do calendário foi o Dia do Médico-Veterinário. A data motivou uma série especial de pautas sobre a profissão, suas diferentes áreas de atuação e os desafios da rotina clínica.

Além disso, o mês trouxe discussões sobre nutrição, segurança no transporte de pets, reconhecimento dos próprios nomes pelos animais, insuficiência cardíaca em cães, protocolos de contenção e inovação em pet food.

Na agenda de eventos, o portal acompanhou o 12º Simpósio de Clínica Médica e Nutrologia PremieRvet, o café da manhã de apresentação do Science4Vets, o Petlove Vet Day e um almoço da PremieRpet para apresentação da linha Nattu Wild.

Nas redes sociais, alguns conteúdos também se destacaram, como possíveis casos de cinomose, a nova lei contra o acorrentamento e o uso de enforcadores em cães e gatos em São Paulo e a história do vira-lata Mixirica, que passou das ruas a um selo dos Correios enquanto aguarda um lar.

Com pautas que transitaram entre informação, ciência e os principais debates do setor, setembro reforçou a atuação da **Cães&Gatos** na cobertura do universo pet. Entre os conteúdos que mais engajaram os leitores durante o mês destacam-se:

1 ORGANIZADOS E DE AGASALHO: A IMAGEM DE 9 CÃES ESPERANDO O RESPONSÁVEL TRABALHAR QUE PAROU A INTERNET

A cena de nove cachorros vestidos com roupas de frio e sentados em perfeita fileira enquanto aguardam o responsável trabalhar tomou conta das redes sociais, encantando milhões de internautas pela disciplina, organização e afeto demonstrados com os animais.



2 AUMENTO DOS CUSTOS COM PETS FAZ 56% DOS RESPONSÁVEIS REDUZIREM CUIDADOS E ACENDE ALERTA PARA O ABANDONO

Pesquisa internacional aponta que a inflação nos insumos e serviços veterinários têm levado os responsáveis a cortar despesas essenciais com alimentação e saúde dos animais, acendendo um alerta crítico de entidades de proteção sobre o risco iminente do aumento no número de abandonos.



3 VETERINÁRIOS VIRAM RÉUS POR ESQUEMA DE VENDA ILEGAL DE SANGUE DE GATOS EM SP

A Justiça de São Paulo aceitou a denúncia do Ministério Público e tornou réus os médicos-veterinários acusados de manter felinos em cativeiro sob condições de maus-tratos para extrair e comercializar bolsas de sangue de forma ilícita para clínicas e hospitais do estado.



Linha ProbioUp®

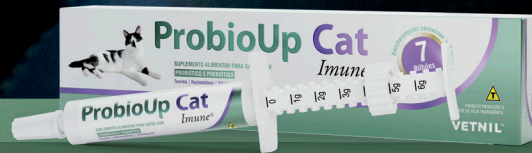
O Up que faltava na
saúde intestinal
dos pets!

O equilíbrio da microbiota intestinal é um dos pilares da saúde dos pets.

Quando o microbioma está em **equilíbrio**, o organismo responde e o bem-estar se traduz em mais **conforto, vitalidade e qualidade de vida**.

É a partir desse olhar que a Vetnil® apresenta a **Linha ProbioUp®**, sua **nova linha de suplementos simbióticos**, desenvolvida com base em estudos científicos com combinações de cepas e nutrientes específicos para cães e gatos, **contribuindo para o equilíbrio da microbiota intestinal e ampliando as possibilidades de cuidado**.

Lançamento



saiba mais:

vetnil.com.br

VETNIL®



Manual de Tecidos Oculares

O CRMV-SP disponibilizou o Manual Técnico de Diretrizes para Estruturação e Funcionamento de Banco de Tecidos Oculares, publicação que reúne orientações técnicas para apoiar a organização, a gestão e o funcionamento do Banco.

O material apresenta diretrizes voltadas à estruturação dos bancos de tecidos oculares e aos procedimentos relacionados às atividades desenvolvidas, contribuindo para a padronização, a qualidade e a segurança dos processos. A publicação integra as iniciativas do Regional voltadas à disseminação de conhecimento técnico e ao aprimoramento da atuação profissional.

O manual está disponível para acesso em www.crmvsp.gov.br/guias-e-manuais.

Pré-lançamento CRMV PLAY

O CRMV-SP prepara o pré-lançamento do CRMVPlay, nova plataforma de conteúdo, conhecimento e benefícios voltada aos profissionais da Medicina Veterinária e da Zootecnia. A iniciativa reunirá diferentes conteúdos e serviços em um único ambiente, ampliando o acesso a informações e experiências relacionadas às áreas de atuação profissional.

Na plataforma, estarão disponíveis

conteúdos de notícias e informações, cultura e entretenimento, idiomas e um clube de benefícios, oferecendo diferentes possibilidades de acesso para profissionais e colaboradores do Conselho. O CRMVPlay também estará disponível em diferentes dispositivos, podendo ser acessado por meio de aplicativo ou navegador.

O pré-lançamento está previsto para o final de outubro. Acompanhe os canais oficiais do CRMV-SP para conferir as novidades e informações sobre a chegada da plataforma. Acesse www.crmvsp.gov.br.

Prêmios CRMV-SP

CONTINUAM abertas as indicações para os Prêmios CRMV-SP, iniciativa que reconhece médicos-veterinários e zootecnistas que tenham prestado relevantes serviços à profissão e contribuindo para o desenvolvimento da Medicina Veterinária e da Zootecnia. A premiação contempla diferentes áreas de atuação e valoriza trajetórias profissionais, educacionais, científicas e sociais.

Para indicar um profissional, é necessário enviar um e-mail para comunicacao@crmvsp.gov.br com o nome do indicado, a categoria ou prêmio para o qual está sendo indicado, breve currículo, atividades profissionais e justificativa do mérito da indicação.

Mais informações sobre as categorias, critérios e procedimentos para participação estão disponíveis em www.crmvsp.gov.br.





Compra frequente e decisão individual redesenham a jornada do medicamento pet

A compra de medicamentos para cães e gatos deixou de ser um evento pontual e passou a fazer parte da rotina de muitas famílias brasileiras.

A primeira edição da pesquisa “Jornada do Shopper de Produtos Veterinários para Pets”, encomendada pela Comissão de Animais de Companhia (Comac) do Sindan e realizada pelo instituto Qualibest, mostra que, dos responsáveis que compraram um medicamento ou suplemento para seu pet nos últimos 12 meses, 73% compraram no mês anterior à pesquisa. Mais de um quarto, 26%, havia feito uma compra nos sete dias anteriores.

O levantamento ouviu 2.613 pessoas das classes A, B e C nas regiões Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul entre junho e julho de 2026. Os números indicam um consumidor frequente, que incorporou os cuidados com a saúde do animal às despesas regulares da casa.

A decisão também mudou de lugar. Em 55% dos casos, quem compra decide sozinho, sem consultar outra pessoa. O padrão é mais forte entre as mulheres, com 59%, e entre quem cuida de cães e gatos ao mesmo tempo, com 65%. Os homens tendem a dividir mais a escolha.

Na prática, a compra do medicamento passou a seguir a lógica do restante do consumo doméstico e é resolvida por uma pessoa, muitas vezes pelo celular, entre uma tarefa e outra.

Quando o estudo pergunta por que o responsável evita determinado canal, o preço aparece como a principal barreira. A etapa qualitativa da pesquisa, com quatro grupos de discussão realizados em maio, ajuda a entender a origem dessa percepção.

Os participantes dizem que falta parâmetro para avaliar o valor de um medicamento veterinário, diferentemente do que acontece com o remédio humano. Identificam classes mais caras, como antibióticos e analgésicos, e relatam que tratamentos contínuos pesam no orçamento a ponto de a compra ser espaçada além do recomendado.

Esse último ponto merece atenção de todo o setor. Espaçar a compra de um medicamento de uso contínuo significa interromper o tratamento. Em doenças crônicas, que crescem com a longevidade dos animais, a adesão é o que sustenta o resultado clínico.

O responsável que compra com frequência, decide sozinho e sente o preço, é hoje, o perfil predominante, e a cadeia precisa aprender a orientá-lo. A pesquisa explica por que o responsável compara preços, procura o mesmo produto em outro canal e, em alguns casos, recorre a fontes sem procedência clara. É nesse ponto que a economia de alguns reais se converte em risco.

Nas lojas online que vendem produtos variados, o receio de o medicamento não ser original é a barreira que mais se destaca em relação aos demais canais. O médico-veterinário segue como a principal referência técnica, e nada no estudo aponta o contrário. O que muda é o momento em que ele precisa atuar.

A orientação sobre onde comprar, como conferir registro, lote e validade e por que um tratamento longo não pode ser interrompido passa a fazer parte da consulta, com o mesmo peso da prescrição. Explicar o custo, oferecer alternativas quando existem e alinhar expectativas sobre tratamentos prolongados reduz a distância entre o consultório e a decisão tomada em casa.

Formulações que simplificam a rotina de administração, embalagens com informação clara de autenticidade e canais oficiais de venda bem sinalizados ajudam o responsável a decidir com segurança e a manter o tratamento até o fim.

A jornada de compra do medicamento pet ficou mais frequente, mais individual e mais sensível ao preço. A confiança que sustenta essa relação se constrói em cada ponto de contato, do consultório à prateleira, e é ela que vai definir se o responsável mais ativo será também um responsável mais bem orientado. ■

Gabriela Mura
é diretora de
mercado e assuntos
regulatórios do
Sindan

REFORMA TRIBUTÁRIA: COMO SE PREPARAR PARA 2027

NOVA SISTEMÁTICA DE TRIBUTAÇÃO PODE ELEVAR CUSTOS, PRESSIONAR MARGENS DE PREÇOS E EXIGIR MUDANÇAS NA GESTÃO FINANCEIRA E FISCAL DE NEGÓCIOS VETERINÁRIOS, INCLUINDO CLÍNICAS E HOSPITAIS VETERINÁRIOS

» DANIELLE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br

Com a proximidade de 2027, a reforma tributária está deixando muitos empresários do setor preocupados com os impactos das novas alíquotas sobre os negócios veterinários.

Por mais que as mudanças já tenham iniciado neste ano, o cenário ainda é de incertezas e muitas dúvidas. No entanto, existem oportunidades a serem exploradas.

Para os negócios veterinários, as alterações nos tributos exigem atenção especial, principalmente diante da possibilidade de aumento da carga tributária efetiva, dos impactos no fluxo de caixa e da necessidade de adaptação dos sistemas e processos internos.

Segundo Ronaldo Dias Oliveira, contador, tributarista e sócio da PetCont, contabilidade especializada no mercado Pet & Vet, 2026 é o ano de preparação e 2027 é quando o jogo começa a valer de verdade.

Isso porque, no próximo ano o Programa de Integração Social (PIS) e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins) deixam de existir e a Contribuição sobre Bens e Serviços (CBS) entra efetivamente em funcionamento, assim como o novo Imposto sobre Bens e Serviços (IBS) avança dentro da transição.

“As principais mudanças estão relacionadas à nova carga tributária e quanto esses aspectos vão afetar os caixas das empresas e suas vendas. Não é simplesmente trocar de tributos. Irá mudar a lógica de créditos, custos e for-



mação de preços. Para clínicas, hospitais veterinários e pet shops, isso exige entender como cada atividade e cada produto serão tributados”, destaca.

Com a substituição gradual de tributos, como PIS, Cofins, Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) e Imposto sobre Serviços (ISS) pelo IBS e pela CBS, o novo modelo estabelece uma sistemática de tributação baseada no Imposto sobre Valor Agregado Dual (IVA-Dual), com regras que podem variar conforme a natureza de cada operação.

A advogada, sócia e fundadora do escritório Bandeira de Mello, D'Ambrosio Advogados, diretora tributária e de agronegócio da Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade (Anefac) e coordenadora do WAWL – GAFFFF 2026, Adriana Bandeira de Mello, explica que, embora a reforma tenha como um de seus objetivos reduzir distorções e simplificar a tributação sobre o consumo, seus efeitos não serão iguais para todos os segmentos.

Conforme relata, no mercado veterinário, clínicas, hospitais, laboratórios e empresas que comercializam produtos precisarão avaliar como as novas regras se aplicam às suas atividades, considerando os serviços prestados, os insumos adquiridos, o tamanho e a estrutura tributária de cada negócio.

“Especificamente em relação à prestação de serviços nos mercados veterinário e pet, a nova tributação pelo chamado IVA-Dual estabeleceu uma regra geral, bem como regimes específicos de tributação para determinados tipos de serviços, produtos e insumos”, explica.

Dessa forma, a diversidade de tratamentos tributários torna indispensável uma análise individualizada das operações, já que a mudança pode afetar tanto os custos quanto os preços praticados no mercado veterinário.

CONTINUIDADE DO QUE JÁ COMEÇOU.

Ronaldo destaca que a transição da reforma tributária começou em 2026 e segue até 2033. Em 2027, o PIS e a Cofins são extintos e a CBS passa a valer efetivamente. Por outro lado, o ICMS e o ISS continuam incidindo sobre as transações durante a transição, sendo gradualmente substituídos pelo IBS entre 2029 e 2032. “Somente em 2033 teremos o novo sistema totalmente implantado. Então, durante alguns anos, as empresas terão que conviver com regras do sistema antigo e do novo”, pontua.

De forma prática, o Brasil está adotando um modelo de IVA dividido em dois tributos. A CBS é uma contribuição federal e substitui o PIS e a Cofins, enquanto o IBS é um imposto que pertence aos estados e municípios e substituirá gradualmente o ICMS e ISS. “A grande mudança é a lógica de não cumulatividade: os tributos pagos nas compras geram créditos amplos para abater a CBS e o IBS das vendas seguintes. Por isso, não adianta olhar só para a alíquota. Precisamos olhar também para a nova sistemática de registro e utilização de créditos e para o custo da empresa”, explica.

PREÇOS E CARGA TRIBUTÁRIA: O QUE MUDA PARA OS NEGÓCIOS VETERINÁRIOS, CLÍNICAS E HOSPITAIS?

Um dos principais pontos de atenção sobre a reforma para os negócios veterinários é a possibilidade de aumento da carga tributária efetiva sobre os serviços. Apesar da criação de mecanismos para reduzir a cumulatividade dos impostos ao longo da cadeia, isso não significa, necessariamente, uma diminuição dos tributos pagos pelas empresas.

A reforma prevê um regime diferenciado para os serviços prestados por profissionais de profissões regulamentadas, entre eles os médicos-veterinários, com redução de 30% das alíquotas gerais do IBS e da CBS. Isso corresponde à aplicação de 70% da alíquota geral desses tributos, desde que sejam atendidas as condições previstas na legislação.

Entretanto, Adriana explica que a redução não se aplica automaticamente a todos os valores cobrados por clínicas, hospitais e laboratórios veterinários. O enquadramento depende da natureza do serviço, de quem o presta e das características da operação.

Além disso, mesmo com o benefício, a tributação poderá ser superior à que é praticada atualmente, conforme alíquota geral (que ainda não foi definida) a estrutura de custos e despesas e o regime tributário de cada empresa.

“Embora, a princípio, as medidas citadas possam, em alguns casos, parecer favoráveis ao setor veterinário, é importante prestar atenção ao fato de que, em comparação com a tributação atual dessas cadeias, não necessariamente haverá uma desoneração fiscal”, alerta.

Com isso, a formação dos preços de consultas, exames, cirurgias, internações e demais procedimentos veterinários poderá ser impactada por diferentes fatores.

PRINCIPAIS FATORES DE IMPACTO NA FORMAÇÃO DOS PREÇOS

Alíquota aplicável: a tributação poderá variar conforme o tipo de serviço ou produto fornecido, considerando a aplicação da alíquota geral ou de regimes específicos de tributação;

Aproveitamento de créditos tributários: a possibilidade de descontar os créditos de IBS e CBS gerados nas aquisições poderá influenciar diretamente a carga tributária efetiva da empresa;

Estrutura de custos e despesas: os gastos com insumos, equipamentos e demais despesas operacionais terão impacto na apuração tributária e na formação dos preços, de acordo com a sua habilidade de gerar créditos de IBS e CBS;

Custos de adaptação: mudanças em sistemas, processos administrativos, contabilidade e emissão de documentos fiscais poderão gerar custos e despesas adicionais;

Estrutura societária e tributária: o enquadramento da empresa e a forma como suas atividades estão organizadas também podem influenciar os resultados.

Sendo assim, a advogada pontua que não é possível estabelecer um percentual único de aumento ou redução de preços para todo o mercado veterinário. A avaliação deve considerar a realidade de cada negócio e o tratamento tributário de suas operações.

MARGENS DE LUCRO E FLUXO DE CAIXA EXIGEM ATENÇÃO. Além dos possíveis impactos sobre os preços, a reforma tributária poderá pressionar as margens de lucro das empresas que não revisarem suas estratégias financeiras e comerciais.

Isso ocorre porque, mesmo quando há possibilidade de aproveitamento de créditos tributários, os negócios precisarão lidar com novos custos de adaptação, mudanças nos procedimentos de apuração e alterações na dinâmica de recebimento e pagamento dos tributos. »

“Existe risco de redução das margens de lucro. Não apenas devido ao aumento da carga tributária efetiva, mas também decorrente do aumento de custos e despesas que devem ser incorridos pelos contribuintes para a adaptação ao novo sistema tributário”, afirma Adriana.

Portanto, segundo Ronaldo, a preparação para 2027 deve começar a partir de quatro pontos: cadastro, sistemas, preços e fornecedores. “A empresa precisa revisar produtos e serviços, classificações fiscais e emissão de documentos e começar a simular a nova tributação. E tem um ponto importantíssimo: mapear os principais fornecedores”, diz.

Outro aspecto importante nesse cenário é o fluxo de caixa devido a implementação do chamado *split payment*, mecanismo de pagamento que prevê a retenção e o recolhimento dos tributos no momento da liquidação financeira da operação. Quando esse sistema entrar em vigor, parte do valor pago pelo cliente poderá ser direcionada automaticamente ao governo.

Portanto, no futuro, na maioria das transações, espera-se que a empresa receberá o valor líquido da operação, já descontado dos tributos incidentes, o que poderá alterar a disponibilidade de recursos que transitam pelo caixa das clínicas, hospitais veterinários e demais empresas do setor.

Adriana também chama a atenção para a relação entre o aproveitamento de créditos e o pagamento dos tributos pelos fornecedores. Pela nova sistemática, em determinadas situações, a utilização dos créditos pelo adquirente dependerá do recolhimento dos tributos pelo fornecedor. “Caso esse pagamento não ocorra ou sofra atrasos, a empresa compradora poderá ter o aproveitamento de seus créditos limitado temporariamente, o que pode elevar o valor do seu IBS e CBS a recolher no período e comprometer o capital de giro”, explica.

Isso significa que as clínicas veterinárias e demais empresas do setor precisam rever seus contratos, tendo em vista não apenas a alteração da forma de tributação pelo IBS e CBS incidentes sobre suas operações, mas também porque, em geral, dependerão tanto dos créditos transferidos pelos seus fornecedores para determinar sua própria carga tributária, como, eventualmente, da sua habilidade de transferir créditos de IBS e CBS para alguns clientes que também sejam contribuintes e estejam no meio da cadeia produtiva.



Adriana Bandeira de Mello, advogada, sócia e fundadora do escritório Bandeira de Mello, D'Ambrosio Advogados



Ronaldo Dias Oliveira, contador, tributarista e sócio da PetCont, contabilidade especializada no mercado Pet & Vet

INDICADORES FINANCEIROS PARA ACOMPANHAR

Durante o período de transição, Adriana recomenda que os negócios veterinários monitorem indicadores capazes de demonstrar os efeitos da nova sistemática sobre os resultados financeiros. Entre eles:

- Carga tributária efetiva sobre o faturamento;
- Margem bruta e margem operacional;
- Índice de aproveitamento de créditos de IBS e CBS;
- Fluxo de caixa tributário e capital de giro.

O acompanhamento desses indicadores pode ajudar a identificar alterações na rentabilidade e na necessidade de recursos para manter a operação.

Já Oliveira recomenda aos empresários acompanhar a folha de pagamento e os valores de medicamentos, materiais, equipamentos, energia, tecnologia, serviços contratados e fornecedores.

“Hospitais veterinários podem ter muitas compras que gerem créditos no regime regular, reduzindo o custo líquido da operação. Porém, também precisamos olhar para trás na cadeia. Alguns fornecedores poderão reduzir preços e outros aumentar. Com isso, o empresário precisa saber quanto realmente o insumo vai custar depois da

reforma, e não simplesmente usar o preço atual como referência”, explica.

Além disso, Ronaldo destaca que os estudos internos realizados por ele mostram que uma empresa pode ter redução de custo e, mesmo assim, precisar aumentar o preço final. Isso acontece porque ela pode aproveitar mais créditos nas compras, porém terá a nova tributação incidindo na venda.

“Como clínicas, hospitais e pet shops atendem principalmente consumidores finais, o responsável pelo cão ou gato não aproveita esses créditos. Dessa forma, precisamos analisar sempre custo, crédito, margem e preço final juntos”, aconselha.

O novo modelo também exige mudanças nos sistemas de gestão, na emissão de documentos fiscais e nos processos de apuração e recolhimento dos tributos.

Para clínicas e hospitais veterinários, é necessário revisar a forma como cada atividade é cadastrada, faturada e tributada. “É importante verificar se o sistema de gestão e de emissão de notas fiscais já está preparado para os novos campos de IBS e CBS. Isso envolve parametrizar corretamente cada operação, porque as empresas podem realizar diversas atividades bastante diferentes”, destaca a advogada.

A integração entre os sistemas fiscal, financeiro, contábil e de gestão também precisará ser revisada e os negócios deverão acompanhar as atualizações dos layouts dos documentos fiscais eletrônicos e das obrigações acessórias previstas durante a implementação da reforma.

ESCOLHA DO REGIME TRIBUTÁRIO.Muitas clínicas e consultórios veterinários se enquadram no regime do Simples Nacional, e tem surgido dúvidas frequentes se vale a pena continuar nessa classificação.

Segundo o contador, o Simples Nacional não vai acabar, mas as empresas precisam tomar uma decisão importante com relação a ele. “É possível manter IBS e CBS dentro da sistemática do Simples ou avaliar o recolhimento desses dois tributos pelo regime regular, chamado de híbrido, o que significa que essa decisão deixa de ser entre permanecer ou não no Simples Nacional, e deve ser tomada através da comparação dos cenários”, diz.

A principal diferença entre permanecer no modelo do Simples é a sistemática de créditos. O profissional explica que mantendo o IBS e a CBS dentro do regime as regras próprias continuam.

Por outro lado, no modelo híbrido, as alíquotas são apuradas pelo regime regular, ampliando a lógica de débitos e créditos.

O recolhimento dos impostos pelo regime regular é considerado vantajoso quando a clínica ou consultório possui um volume relevante de compras e despesas que podem gerar créditos.

Logo, de forma prática, os empresários devem considerar alguns pontos antes de decidir se permanecem no modelo tradicional do Simples ou adotam a sistemática regular para IBS e CBS.

Deve-se começar analisando a situação dos fornecedores, checando quais poderão reduzir preço, quais poderão aumentar e quais produtos possuem tratamentos diferenciados previstos em lei. Depois, deve-se calcular os créditos e o novo custo líquido. Em seguida, para Ronaldo, é indicado aplicar a margem necessária à empresa para chegar ao novo preço de venda.

Adriana lembra ainda que, “eventuais empresas de tamanho reduzido que pretendam se manter optantes pelo Simples Nacional, híbrido ou não, também precisam avaliar como a sua tributação pelo IBS e CBS afetará sua habilidade para transferir os respectivos créditos para clientes (que também sejam contribuintes desses tributos). Será necessário avaliar se no novo regime de tributação os contribuintes (por exemplo, hospitais veterinários) irão preferir adquirir produtos e serviços de fornecedores que transferem maior volume de créditos de IBS e CBS, além de simplesmente verificar o preço dos bens, serviços ou direitos adquiridos.”

“Após essas etapas, de acordo com

Ronaldo, será necessário fazer uma pergunta muito importante: quanto o consumidor vai pagar? “Nossos estudos já mostram situações em que o hospital reduz custos no modelo híbrido, mas ainda pode precisar aumentar o preço final para preservar sua margem. Por isso, a reforma tributária não pode ser analisada olhando somente a alíquota ou o imposto. Precisamos começar no fornecedor e terminar no consumidor, passando por sistema de créditos e débitos, custo, preço, margem e caixa”, aconselha.

COMO SE PREPARAR EFETIVAMENTE PARA 2027. A transição para o novo modelo de tributação exige planejamento antecipado. Segundo Adriana, as empresas já devem realizar simulações para compreender os impactos da reforma sobre suas operações e evitar que as mudanças comprometam a rotina do negócio. A

adaptação envolve não apenas o cumprimento de novas exigências fiscais, mas também a revisão de processos internos, contratos, preços e estratégias financeiras.

Para as empresas prestadoras de serviços em geral, a advogada destaca o cronograma de adaptação da Nota Fiscal de Serviço eletrônica (NFS-e). Já as microempresas e empresas de pequeno porte optantes pelo Simples Nacional deverão utilizar o Emissor Nacional da NFS-e a partir de 1º de novembro de 2026, enquanto as regras de IBS e CBS para esses contribuintes passam a produzir efeitos em 1º de janeiro de 2027.

Diante desse cenário, o conselho é não deixar a preparação para a última hora. “Para quem ainda não começou, a recomendação é mapear primeiro, parametrizar depois e testar antes que a mudança se torne crítica para a operação”, orienta Adriana.

PONTOS DA REFORMA TRIBUTÁRIA QUE MAIS DEVEM AFETAR OS PREÇOS DOS SERVIÇOS OFERTADOS POR CLÍNICAS E HOSPITAIS VETERINÁRIOS:

■ Serviços médico-veterinários terão redução de 30% nas alíquotas do IBS e da CBS, ou seja, ficarão sujeitos a 70% da alíquota aplicável.

.....
■ Para clínicas e hospitais constituídos como pessoa jurídica, porém, o benefício depende do cumprimento dos requisitos legais, como participação de sócios habilitados na atividade profissional, ausência de pessoa jurídica como sócia e prestação dos serviços da atividade principal diretamente pelos profissionais, admitidos auxiliares e colaboradores de acordo com a LC 214/2025, art. 127, XIII, §§ 1º e 2º.

.....
■ A redução de 30% não significa necessariamente redução da carga tributária da clínica. Dependendo do regime tributário, dos créditos de IBS/CBS, dos custos e da composição do faturamento, a tributação dos serviços poderá ser maior ou menor que a atual. Por isso, será necessário analisar o impacto sobre preços e margens.

.....
■ Medicamentos não seguem necessariamente a mesma tributação da consulta. Como regra, medicamentos registrados na Anvisa ou produzidos por farmá-

cias de manipulação possuem redução de 60% das alíquotas, observadas as condições legais. Determinados medicamentos poderão ter alíquota zero, quando expressamente enquadrados na legislação (LC 214/2025, arts. 133 e 146).

.....
■ Rações, alimentos, acessórios, equipamentos e outros produtos não recebem benefício simplesmente por serem vendidos ou utilizados por uma clínica veterinária. Cada produto deverá ser corretamente classificado e analisado conforme o tratamento previsto na legislação.

.....
■ Planos de assistência à saúde de animais domésticos possuem regra própria: as alíquotas do IBS e da CBS serão uniformes nacionalmente e terão redução de 30%, sendo vedado o crédito ao adquirente.

.....
■ Na prática, consultas, cirurgias, medicamentos, rações, acessórios e planos de saúde animal não devem ser colocados automaticamente na mesma tributação. Separar corretamente cada receita e classificar produtos e serviços será fundamental para calcular tributos, preços e margens na clínica ou hospital veterinário. ■

OUTUBRO ROSA: ALERTA QUE TAMBÉM VALE PARA CADELAS E GATAS

» DANIELLE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br

As neoplasias mamárias apresentam elevada incidência na Medicina Veterinária e a campanha Outubro Rosa é estendida aos animais, dando destaque para a importância da prevenção do tumor de mama em cadelas e gatas. Porém, nos últimos anos, muito se disse sobre a correlação entre a castração e a doença e esse tema ainda gera muitas dúvidas.

Houve um período em que o recomendado era castrar as fêmeas antes do primeiro cio. Após isso, a indicação passou a ser entre o primeiro e o segundo cio. E hoje, o que deve ser feito?



Para entender qual o real papel do procedimento na prevenção dos tumores de mama nos pequenos animais e quando é o momento ideal para realizá-lo, conversamos com Bruno Roque, médico-veterinário, mestre em Cirurgia Veterinária, doutor em Oncologia e especialista em Cirurgia Veterinária pelo Colégio Brasileiro de Cirurgia Veterinária (CBCV).

Cães&Gatos - Quais são os tipos de neoplasias mamárias mais comuns em cadelas e gatas? *Bruno Roque* - Em cadelas, existe grande diversidade histológica. Entre as lesões benignas são frequentes o tumor misto benigno e o adenoma complexo. Entre as malignas predominam os carcinomas, especialmente o carcinoma em tumor misto, o carcinoma complexo, o tubular e o tubulopapilar. Nas gatas, o cenário é mais agressivo: aproximadamente 85-95% das neoplasias mamárias são malignas, predominando os carcinomas.

Qual espécie é mais acometida: canina ou felina? Os tumores mamários são mais comuns em cadelas não castradas e representam uma das neoplasias mais frequentes nessa população. Em gatas, eles são menos comuns, mas apresentam probabilidade muito maior de malignidade e comportamento biológico mais agressivo. Portanto, é importante separar “frequência” de “agressividade”: a cadela apresenta mais tumores mamários; a gata apresenta proporcionalmente mais carcinomas agressivos.

Existe explicação genética ou fisiológica para a incidência da doença? Componentes genéticos, raciais e hormonais podem estar envolvidos. Na cadela, chama atenção a exposição repetida a progesterona durante fases lúteas prolongadas e a interação da progesterona-GH-IGF-1, que promove proliferação do tecido mamário. Estrogênio e progesterona aumentam a proliferação epitelial e criam maior oportunidade para acúmulo de alterações moleculares. Predisposi-

ções raciais e alterações em vias, como TP53, BRCA, PI3K/AKT e outras, também estão sendo estudadas.

O que a literatura atual demonstra sobre castração e redução do risco? Sobre isso houve uma mudança importante de interpretação nos últimos anos.

A relação biologicamente plausível entre redução da exposição ovariana e menor risco mamário continua existindo, mas a magnitude dessa proteção em cadelas é muito menos bem estabelecida do que os livros antigos faziam parecer. A revisão sistemática de Guirguis e Beggs, publicada em 2025, analisou 13 estudos elegíveis e descobriu que seis dos 13 não demonstraram efeito protetor da castração precoce. Os autores classificam o conjunto de evidências como inconsistente e sujeito a vieses, confundidores e limitações metodológicas. Isso não significa que “castrar não protege”. Significa que não podemos tratar como verdade matemática aqueles percentuais clássicos. As próprias diretrizes WSAVA de 2024 reconhecem que a evidência histórica foi questionada e recomendam abordagem individualizada. Para as gatas, a associação parece mais consistente. Uma revisão de evidências publicada em 2025 encontrou efeito protetor da castração em todos os quatro estudos avaliados, especialmente quando realizada precocemente, embora os estudos apresentassem risco moderado a alto de viés.

Existe uma janela de idade mais favorável? Se analisarmos exclusivamente a prevenção de tumor mamário, a tendência é: quanto menor a exposição ovariana antes da esterilização, maior provavelmente será a proteção. Em cadelas, isso favoreceria teoricamente a castração antes do primeiro cio, mas a revisão sistemática de 2025 deixa claro que não existe atualmente evidência robusta suficiente para definir uma idade universal aplicável a todas as raças. Nas gatas, a evidência é mais favorável à esterilização durante o primeiro ano de vida. Revisões re-

centes citam uma redução de aproximadamente 91% no risco quando a gata é esterilizada antes dos seis meses e de 86% quando o procedimento é realizado antes de um ano, embora esses números se originem de estudos observacionais mais antigos e não devam ser interpretados como precisão absoluta.

“Quanto mais cedo castrar, maior a proteção” ainda pode ser generalizado? Não. Esse conceito não deveria mais ser aplicado de maneira automática para todas as cadelas. Prevenção de neoplasia mamária é apenas uma variável. A decisão precisa considerar raça, porte adulto, risco ortopédico, risco de incontinência urinária, condição corporal, finalidade reprodutiva e estilo de vida. As diretrizes WSAVA enfatizam explicitamente que não existe uma única estratégia de controle reprodutivo ideal para todos os animais.

Como os hormônios ovarianos influenciam a carcinogênese mamária? Há uma fundamentação biológica bastante consistente. Estrogênio e progesterona promovem crescimento e proliferação da glândula mamária. Logo, quanto maior o número de ciclos, maior a exposição cumulativa do tecido mamário a estímulos proliferativos. O estradiol atua tanto por mecanismos genômicos, através dos receptores estrogênicos, quanto por vias não genômicas, podendo estimular proliferação, reduzir apoptose e interagir com vias de crescimento. A progesterona, particularmente na cadela, estimula a expressão local de GH, que por sua vez interage com o eixo IGF-1, promovendo proliferação das células mamárias e potencialmente das populações progenitoras.

Como o risco muda conforme aumenta o número de ciclos antes da castração? A direção biológica é de aumento do risco com maior exposição cumulativa, mas hoje precisamos ser muito cautelosos ao transformar isso em números exatos. Um estudo brasileiro incluído na re- »

visão sistemática de 2025 encontrou tumores mamários em 27,6% das cadelas esterilizadas após o terceiro ciclo, contra 9,4% das esterilizadas antes do terceiro ciclo; as cadelas intactas naquele estudo apresentaram odds aproximadamente nove vezes maiores. Entretanto, outros estudos não reproduziram de forma consistente essa relação. Então a mensagem mais correta seria: o risco tende a aumentar com a exposição hormonal acumulada, mas não dispomos de uma curva universal e precisa de risco por número deaios.

Quais outros fatores devem ser considerados na incidência dos tumores de mama? Além do status reprodutivo, os principais fatores são idade, raça/genética, condição corporal e exposição a hormônios exógenos. Em cadelas, a incidência aumenta principalmente a partir da meia-idade e a maioria das pacientes é diagnosticada entre aproximadamente oito e 10 anos. Obesidade, especialmente em fases mais jovens da vida, foi associada em diferentes estudos a maior risco e a características tumorais mais agressivas. Também existem diferenças raciais, embora variem geograficamente. Em gatos, Siamês/Oriental aparece repetidamente entre os grupos de maior predisposição.

Como equilibrar prevenção mamária e possíveis efeitos da esterilização precoce? A decisão deve ser baseada em risco-benefício individual, principalmente na cadela. Para uma cadela de porte pequeno sem fatores ortopédicos importantes, o balanço pode ser diferente daquele de uma cadela de raça grande ou gigante predisposta à doença articular. As diretrizes WSAVA de 2024 ressaltam justamente que espécie, sexo, raça, idade e peso adulto devem entrar na decisão. Portanto, a recomendação moderna não é “castrar o mais cedo possível”, mas definir o melhor momento para aquele paciente, explicando ao responsável o equilíbrio entre redução de risco reprodutivo/mamário e outros efeitos possíveis.

Diante de uma massa mamária, quais são os primeiros passos? O primeiro passo é examinar todas as glândulas mamárias, porque múltiplas lesões são frequentes e podem apresentar histologias diferentes. Devem ser documentados o número de lesões, o maior diâmetro, a mobilidade/fixação, a ulceração e os sinais inflamatórios. Os linfonodos regionais precisam ser avaliados e, sempre que possível, submetidos à histopatologia — um linfonodo de tamanho normal não exclui metástase. Em seguida, realizamos o estadiamento sistêmico. Radiografias torácicas em três projeções continuam sendo o exame básico, mas a tomografia torácica possui sensibilidade superior para pequenos nódulos. A ultrassonografia abdominal é outro exame que deve integrar o estadiamento conforme o caso. Já a citologia da massa pode ajudar a excluir diagnósticos diferenciais, mas, pela heterogeneidade das neoplasias mamárias, histopatologia continua sendo o padrão-ouro para diagnóstico definitivo.

Qual a importância da histopatologia e da imunohistoquímica? A histopatologia é indispensável. Não basta saber que “é um carcinoma”. Precisamos idealmente conhecer o tipo histológico, o grau, o índice mitótico, a invasão linfática/vascular, as margens cirúrgicas, o envolvimento linfonodal e outras características morfológicas. Essas informações, combinadas com o TNM, têm grande peso prognóstico. Por outro lado, a imunohistoquímica pode complementar a avaliação através de ER, PR, HER2, Ki-67, COX-2, citoqueratinas e outros marcadores, além de ajudar na caracterização de tumores de difícil diferenciação.

A castração deve ser realizada simultaneamente à mastectomia em todos os casos? Não. Esse conceito também mudou. Em um ensaio clínico randomizado com 60 cadelas com carcinoma mamário, a ovariectomia simultânea não melhorou significativamente a sobrevida glo-

bal e nem reduziu a recidiva, considerando toda a população. Entretanto, houve sinal de benefício em determinados subgrupos, principalmente em tumores grau II, tumores ER-positivos e animais com concentrações perioperatórias mais elevadas de estradiol. Assim, a castração simultânea na espécie deve considerar idade, estado reprodutivo, doenças uterinas/ovarianas, condição clínica, extensão da cirurgia e características biológicas do tumor. Em gatas, a esterilização precoce tem valor preventivo, mas não há boa evidência de que ovariectomia realizada apenas no momento da mastectomia melhora sobrevida ou controle do carcinoma já estabelecido.

A partir de que idade o exame mamário deve receber atenção especial? Não existe uma idade de rastreamento formalmente validada como existe em alguns protocolos da Medicina Humana. O ideal é a palpação mamária em todo exame clínico de uma fêmea adulta, e não apenas quando o responsável percebe uma massa. Clinicamente, eu aumentaria a vigilância principalmente a partir dos seis a sete anos.

Quais pacientes merecem acompanhamento particularmente rigoroso? Eu consideraria especialmente de alto interesse para vigilância as fêmeas intactas ou castradas tardiamente; pacientes de meia-idade ou idosos; animais com histórico prévio de nódulo ou neoplasia mamária; gatas expostas a progestágenos; indivíduos de raças predispostas; e cadelas com obesidade ou histórico de excesso de peso. A paciente que já apresentou uma neoplasia mamária também merece atenção especial porque novos tumores podem surgir posteriormente e cada nova massa precisa ser encarada como uma nova entidade, não simplesmente como “recidiva”. Nas gatas essa vigilância é ainda mais crítica pela elevada taxa de malignidade, pela disseminação precoce e pela associação muito forte entre tamanho tumoral e prognóstico. ■

**Elanco**

**Para que os vermes
não entrem no coração
dos pets, a dirofilariose
precisa entrar na cabeça
de seus responsáveis.**

A dirofilariose é silenciosa, mas suas consequências não são. Transmitida por mosquitos, ela pode comprometer o coração e os pulmões dos pets — e muitas vezes só é percebida quando o quadro já está avançado.

Como médico-veterinário, você é a chave para mudar isso.

Conscientize os responsáveis pelos pets sobre os riscos da doença e a importância da prevenção contínua. Fale sobre os sinais de alerta, oriente sobre o diagnóstico precoce e reforce que prevenir é sempre mais simples do que tratar.

**Amor de pet mora no peito.
Proteja esse coração.**

**MILBEMAX****Advocate****Advantage[™]
Max3**

Acesse:

ElancoVets
.com.br

* Advantage[™] Max 3 é indicado apenas para cães. AHS Current Canine Guidelines for the Prevention, Diagnosis, and Management of Heartworm Inf. 2020 (v1.0). Milbemax[™], Advocate[™], Advantage[™]Max3, Elanco e o logo em barra diagonal são marcas da Elanco ou suas afiliadas. Todos os direitos reservados. PM-BR-26-0967.



CIÊNCIA BRASILEIRA NA VANGUARDA DA MEDICINA VETERINÁRIA MUNDIAL

PREMIERPET INVESTE
CONTINUAMENTE EM PESQUISAS
CIENTÍFICAS PARA OFERTAR
CONHECIMENTO AOS MÉDICOS-
VETERINÁRIOS E FORNECER
NUTRIÇÃO DE PONTA COM
RESULTADOS COMPROVADOS A
CÃES E GATOS

► **DANIELLE ASSIS, DA REDAÇÃO**
danielle@dc7comunica.com.br

A

Medicina Veterinária do Brasil tem alçado voos internacionais e se destacou em meio a congressos científicos espalhados pelo mundo. Esse reconhecimento mostra o potencial da ciência e dos pesquisadores brasileiros em realizar descobertas, que auxiliam no cuidado e na promoção da saúde aos animais.

Ciente desse potencial, nos últimos 12 anos a PremieRpet investiu R\$165 milhões em pesquisa e vem colhendo frutos desse investimento.

No último congresso da Sociedade Europeia de Nutrição Clínica Veterinária (ESVCN), realizado de 16 a 18 de setembro em Nápoles, na Itália, 20 estudos de eficácia clínica financiados e apoiados pela empresa foram aprovados para apresentação, sendo 14 deles em formato oral.

“Isso representa quase 30% de todas as apresentações orais sobre cães e gatos do congresso com o fomento da PremieRpet, o que mostra que alcançamos um patamar de excelência global”, afirma Fabio Maluf, CEO da PremieRpet.

Segundo o CEO, o principal critério usado pela empresa para apoiar um projeto científico é o seu potencial de resolver lacunas clínicas reais e o compromisso de ser realizado a

partir do máximo rigor ético e respeitando o bem-estar animal. O resultado disso é que, ao longo desses anos, o apoio de PremieRpet já resultou em 520 estudos e pesquisas publicados.

Além disso, a pesquisa e o desenvolvimento científico representam o propósito e a cultura da empresa, não sendo parte de um departamento isolado, mas sim de um compromisso que permeia toda a estratégia de negócios. “Nós só conseguimos inovar e ditar tendências no mercado porque temos a ciência como aliado em todas as nossas decisões. E é assim que mantemos a liderança do mercado nacional”, afirma.

NUTRIÇÃO CLÍNICA COMO FOCO. Um dos principais focos da PremieRpet é a nutrição clínica de pequenos animais. Por isso, através de pesquisas e estudos contínuos, ela procura entender como o alimento pode atuar como coadjuvante no tratamento de doenças crônicas complexas. “Investimos fortemente em estudos sobre ingredientes funcionais, sempre buscando uma nutrição de excelência, que supra todas as necessidades de cães e gatos e construa uma relação cada vez mais próxima, prazerosa e longa entre os responsáveis e seus pets”, afirma.

Para alcançar tais resultados, a companhia conta com um robusto e moderno Centro de Desenvolvimento Nutricional na cidade de »

Dourado (SP) e realiza parcerias com universidades, centros de pesquisa e pesquisadores independentes.

Esse movimento, de acordo com Fabio, funciona como uma via de mão dupla, que beneficia não apenas a própria PremieRpet, como também os pesquisadores e a Medicina Veterinária global. “Para se ter uma ideia, já realizamos quase duas mil ações em universidades e colaboramos com 590 hospitais veterinários. Essa sinergia une o rigor acadêmico com a nossa capacidade de transformar descobertas em soluções práticas”, destaca.

Contudo, produzir ciência não é fácil e exige resiliência, tempo, consistência financeira e infraestrutura tecnológica. Outro desafio encontrado é traduzir a pesquisa básica criada nos laboratórios em soluções aplicáveis em escala industrial, que possam, realmente, chegar aos lares e aos consultórios veterinários.

Com isso, quando a indústria nacional investe na ciência, os pesquisadores têm acesso aos recursos necessários para que suas pesquisas possuam o rigor metodológico exigido internacionalmente. “Os resultados que colhemos na Europa são a prova viva de que o capital privado, unido às mentes brilhantes da nossa academia, projeta o Brasil como uma potência científica global”, analisa.

A CIÊNCIA E O FUTURO. Para Ana Duprat, head de parcerias estratégicas da PremieRpet, investir em ciência é investir no futuro. “O investimento em pesquisa nos dá autonomia tecnológica para criar formulações exclusivas e nos permite elevar a barra de qualidade de todo o mercado nacional, entregando soluções confiáveis para os médicos-veterinários e os responsáveis por pets”, analisa.

Fabio compartilha desse pensamento e comenta que a inovação morre se ficar restrita apenas ao papel e precisa ganhar vida por meio de soluções práticas, que alcançam o dia a dia das pessoas. “O ecossistema garante que a pergunta que surge no consultório veterinário chegue à universidade, seja pesquisada e, com o apoio da indústria, vire um produto inovador que



Fabio Maluf,
CEO da
PremieRpet

volta para auxiliar o paciente”, diz o CEO.

A ciência brasileira possui total capacidade para tudo isso, sendo capaz de olhar para problemas globais e desenvolver soluções altamente eficazes e inovadoras para os médicos-veterinários. A parceria técnico-científica de PremieRpet com a Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (FMVZ-USP) é a prova. A USP é uma referência internacional em cooperação acadêmica para o fomento de pesquisas de alto nível na área de Nutrição de cães e gatos e formação profissional na América Latina.

Nela, encontra-se o Centro de Pesquisa em Nutrologia de Cães e Gatos (CEPEN-PET), símbolo da parceria entre a companhia e a faculdade, que conta com uma infraestrutura completa, na qual o conhecimento teórico é integrado à vivência prática dos estudantes de graduação e pós-graduação.

Conforme relata Ana, também na USP, a PremieR apoia o Núcleo de Multicuidados, onde encontra-se o equipamento de densitometria óssea DEXA, que ajuda nos estudos sobre

dor e composição corporal voltados para tratamentos e pesquisas a respeito da obesidade em cães e gatos.

“Essas parcerias nos mantêm próximos das necessidades acadêmicas e clínicas, fomentando a formação de novos especialistas e antecipando as demandas da saúde pet”, relata.

Entre as áreas que são fruto dessa relação com os pesquisadores estão as pesquisas de eficácia.

Segundo a profissional, ao identificar uma necessidade, como a dificuldade de tratar filhotes com doença hepática, a ciência mostra os gargalos e as soluções para o problema através da fisiologia e da necessidade nutricional, e a PremieRpet traduz esses dados na formulação de um alimento coadjuvante ainda inédito no Brasil e com benefícios comprovados: o PremieR Nutrição Clínica Hepato Cães.

“Nós traduzimos dados complexos em soluções de consumo de massa e específicas no manejo clínico. Com isso, impactamos cerca de 20 mil médicos-veterinários mensalmente com atualizações de informações técnicas, simpósios e materiais de educação continuada”, analisa.

A FORÇA DA CIÊNCIA BRASILEIRA.

De acordo com Fabio, quando se fala que a ciência brasileira está na vanguarda da Medicina Veterinária mundial, na realidade está sendo dito que o Brasil deixou de ser importador de conhecimento e se tornou exportador de soluções. “Para a PremieRpet, essa é a validação da nossa visão de transformar investimento em conhecimento, garantindo que o futuro da nutrição pet global passe pelas inovações que estamos desenvolvendo aqui no Brasil”, destaca.

Já a head de parcerias estratégicas pontua que a ciência brasileira se destaca pelo rigor metodológico e pela capacidade de inovação prática.

“A presença massiva no ESVCN 2026 é a prova de que o Brasil não deve nada a nenhum grande centro de pesquisa europeu ou norte-americano quando o assunto é excelência em Nutrição de cães e gatos”, comenta.

Thiago Henrique Annibale Vendramini, médico-veterinário com mes-

trado, doutorado e três pós-doutorados no Departamento de Nutrição e Produção Animal da Universidade de São Paulo (USP), professor da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (FMVZ-USP) e responsável pelo Centro de Pesquisa em Nutrologia de Cães e Gatos da USP (CEPEN-PET), acompanha de perto o desenvolvimento da ciência brasileira e a parceria com a PremieRpet.

Para ele, o apoio da iniciativa privada aos pesquisadores do Brasil faz toda a diferença na produção da ciência. “Uma pesquisa científica de qualidade exige infraestrutura, equipamentos, materiais, técnicas especializadas, pessoal qualificado e, principalmente, continuidade. Por isso, o apoio contínuo à pesquisa é tão importante, e a parceria com a PremieRpet tem contribuído justamente para que tenhamos uma visão de médio e longo prazo para nossas linhas de investigação”, afirma.

Thiago aponta alguns trabalhos desenvolvidos em parceria com a companhia que foram destaque internacional nos últimos anos. Entre eles, está a pesquisa da doutoranda Laís Oyama Cortim Lima, que recebeu neste ano o AAVN prêmio de melhor trabalho do congresso, concedido pela American Academy of Veterinary Nutrition. “Esse é um reconhecimento internacional muito importante na área de Nutrição Veterinária e que demonstra a qualidade e a relevância científica das pesquisas que estão sendo desenvolvidas pelo nosso grupo”, conta.

Já no 28th ESVCN Congress, o doutorando Pedro Henrique Marchi recebeu o Cat Nutrition Award, pelo melhor trabalho científico apresentado na área de Nutrição de Felinos.

Para o doutor, ambos os estudos trazem uma combinação entre aprofundamento científico e possibilidade de utilização dos resultados na prática, sen-



do pesquisas que procuram compreender melhor o esta-

do nutricional, o metabolismo e as respostas dos animais às diferentes condições e intervenções nutricionais, utilizando ferramentas e avaliações cada vez mais precisas.

“O interesse internacional nesses trabalhos ocorre porque não estamos apenas descrevendo um determinado fenômeno. Estamos tentando avançar na maneira como avaliamos esses animais e interpretamos suas respostas nutricionais, gerando informações que podem contribuir tanto para novas pesquisas quanto para a prática clínica e para o desenvolvimento de estratégias nutricionais mais adequadas”, avalia.

O TRABALHO DO CEPEN-PET. O CEPEN-PET é um centro de pesquisa dedicado a estudos na área de Nutrição e Nutrologia de cães e gatos.

Thiago relata que, ao pensar na importância desse núcleo, é necessário avaliar não apenas os trabalhos publicados, mas todo o ecossistema de pesquisa que vem sendo construído com o apoio da PremieRpet.

Ana Duprat,
head de parcerias
estratégicas da
PremieRpet



Thiago Henrique Annibale Vendramini,
médico-veterinário com mestrado, doutorado e três pós-doutorados no Departamento de Nutrição e Produção Animal da Universidade de São Paulo (USP) e responsável pelo Centro de Pesquisa em Nutrologia de Cães e Gatos da USP (CEPEN-PET)

No centro há diferentes linhas de pesquisa que conversam entre si. Uma delas é a de nutrição clínica, que analisa condições nas quais a abordagem nutricional possui papel relevante.

Também são feitos estudos sobre a composição corporal de cães e gatos, que recentemente passou a incorporar as chamadas ciências ômicas nas pesquisas, como a metabolômica, lipidômica e os estudos do microbioma.

Outra linha de pesquisa do CEPEN-PET é o estudo de ingredientes, nutrientes, fontes proteicas, aditivos e diferentes estratégias nutricionais para os animais. Através de todo esse trabalho, as pesquisas realizadas no núcleo podem contribuir de forma direta na formulação de soluções para a Nutrição de cães e gatos. “A recomendação nutricional precisa estar baseada em evidência científica. Não deveríamos recomendar determinada estratégia simplesmente porque ela sempre foi utilizada ou porque alguém na rede social está falando. O CEPEN-PET possui »

o objetivo de dar suporte, através das pesquisas que começam em perguntas científicas e têm potencial de chegar posteriormente à prática clínica”, diz o médico-veterinário.

Logo, o objetivo final é transformar conhecimento em melhores decisões nutricionais e, consequentemente, melhor saúde, longevidade e qualidade de vida para cães e gatos.

Nesse sentido, as indústrias parceiras conseguem transformar as descobertas em soluções que podem chegar a um número muito maior de animais.

Para Thiago, ao combinar a capacidade científica das universidades brasileiras com parceiros dispostos a investir de maneira consistente em pesquisa, aumenta-se exponencialmente a possibilidade de gerar conhecimento inédito e levá-lo para os principais fóruns científicos internacionais.

“Durante muito tempo, uma parcela importante do conhecimento utilizado na Nutrição de cães e gatos vinha de estudos produzidos fora do país. Hoje, nosso grupo tem produzido dados robustos, utilizando metodologias avançadas e participando ativamente da construção desse conhecimento. O Brasil não precisa ser apenas consumidor da

ciência produzida no exterior, pois temos total capacidade de produzir e exportar conhecimento”, analisa.

COMPROMISSO EM DISSEMINAR A CIÊNCIA. Ao investir em ciência, a PremieRpet não busca apenas embasamento para o desenvolvimento de novos produtos. A companhia se propõe a levar educação e conhecimento atualizado aos médicos-veterinários e graduandos de Medicina Veterinária.

Para isso possui um calendário robusto de educação continuada, patrocina congressos científicos, produz conteúdos técnicos e realiza eventos próprios e premiações, como é o caso do Prêmio de Pesquisa PremieRpet e do Simpósio de Clínica Médica e Nutrologia PremieRvet.

Ana Duprat destaca que o Prêmio de Pesquisa é a forma da empresa reconhecer, incentivar e dar vitrine aos pesquisadores, que dedicam suas vidas ao avanço da Medicina Veterinária, fortalecendo a produção de artigos científicos no Brasil. “Já são 12 anos estimulando a pesquisa em diferentes categorias e reconhecendo os destaques. Na edição de 2026 tivemos um recorde, pois foram 100 trabalhos classificados, um aumento de 40% se compara-

do com o ano anterior”, comenta.

Acompanhando as tendências da Medicina Veterinária mundial, neste ano, a premiação ganhou uma categoria inédita voltada à Medicina Felina. A adição teve como propósito incentivar pesquisas cada vez mais específicas voltadas à espécie.

A head de parcerias estratégicas de PremieRpet comenta que dar visibilidade à ciência brasileira é uma forma de engajar os estudantes a seguirem a carreira de pesquisadores e mostrar aos responsáveis por pets e clínicos que eles têm acesso ao que há de melhor no mundo desenvolvido no Brasil. “Além disso, também conseguimos potencializar a saúde e o bem-estar animal por meio da aplicação dos achados científicos nas diferentes áreas”, analisa.

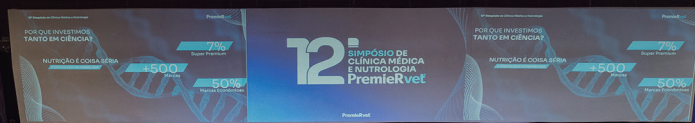
Já o Simpósio de Clínica Médica e Nutrologia PremieRvet busca ser a ponte entre o que há de mais atual na pesquisa acadêmica global e o dia a dia da clínica veterinária, traduzindo evidências científicas em condutas práticas.

No início, era considerado apenas um evento de atualização e hoje é um dos fóruns de discussão científica mais aguardados do setor, graças à grade científica robusta e à presença de palestrantes de renome internacional.

A 12ª edição, realizada em setem-

O 12º Simpósio de Clínica Médica e Nutrologia PremieRvet foi realizado em setembro deste ano

BEM-VINDOS



12º SIMPÓSIO DE CLÍNICA MÉDICA E NUTROLOGIA PremieRvet

BEM-VINDOS

bro, reuniu mais de 300 participantes no Centro de Difusão Internacional (CDI/ USP) e mais de 350 médicos-veterinários e graduandos na sala online. “O simpósio deste ano teve como objetivo juntar as doenças recorrentes na rotina clínica com dicas de manejo e a importância da nutrição no tratamento dessas enfermidades. Como a nossa linha Nutrição Clínica cresceu, buscamos mostrar aos participantes a aplicabilidade da nutrição de precisão ao dia a dia do médico-veterinário”, pontua Ana.

Com isso, a programação científica reuniu palestras que abordaram o manejo de doenças complexas e a correlação entre alimentação, qualidade de vida e tratamento de quadros crônicos.

Entre os palestrantes confirmados estiveram Archivaldo Reche Júnior, Fábio Teixeira, Thiago Vendramini, Alessandra Vargas e Ronaldo Lucas, que falaram sobre diarreia em gatos, nutrição de pacientes hepatopatas, manejo de felinos diabéticos e a abordagem clínica das otites externas.

Mais do que discorrer sobre os diferentes quadros clínicos, os profissionais mostraram como a dieta correta pode auxiliar no manejo dos pacientes e atuar como coadjuvante no tratamento. “A nutrição é a protagonista na Premierpet e no simpósio ela foi abordada não apenas como prevenção, mas como ferramenta terapêutica central e essencial no tratamento e na recuperação de pacientes complexos”, pontua a profissional.

RESULTADOS QUE CHEGAM À PRATELEIRA. Recentemente, a Premierpet lançou três alimentos coadjuvantes e um cookie, que foram desenvolvidos a partir de intensas pesquisas.

São eles: o Hepato Cães, indicado para adultos e filhotes com doenças do sistema hepatobiliar, como o desvio portossistêmico; o Gastrointestinal Gatos, que pode ser utilizado tanto em enteropatias agudas como crônicas em felinos; o Diabetes Gatos, que é indicado para pacientes com diabetes; e o PremierCookie Sensitive para cães adultos e filhotes com sensibilidade alimentar.

A Premier Nutrição Clínica Gatos Diabetes pode ser ofertada a gatos



Flávio Lopes, mestre e médico-veterinário especializado em Nutrição de cães e gatos e gerente de relacionamento científico da Premierpet

adultos e filhotes em tratamento do diabetes mellitus, ou que precisem de um alimento com alto teor de fibra. Sua composição visa auxiliar no controle da glicemia através da combinação de baixo teor de amido e rica oferta de fibras. Também apresenta elevado teor de proteínas e níveis moderados de gordura, aspectos que contribuem para a preservação da massa muscular e a manutenção do peso corporal ideal.

Também com foco nos felinos, a Premier Nutrição Clínica Gatos Gastrointestinal pode ser prescrita para animais adultos com diferentes alterações, como gastrites, má digestão, vômitos recorrentes, enteropatias, parasitismo, síndrome de má absorção, insuficiência pancreática exócrina e disbiose.

Sua formulação conta com ingredientes de alta digestibilidade, que favorecem o aproveitamento dos nutrientes e auxiliam na saúde do trato gastrointestinal como um todo, e associa prebióticos, como MOS, FOS e GOS, e fibras especiais, visando

o equilíbrio da microbiota intestinal.

A Premier Nutrição Clínica Hepato Cães, por sua vez, tem uma composição com fonte e teor de proteína adequados, que minimizam as manifestações clínicas da encefalopatia, possui níveis reduzidos de cobre e é rica em antioxidantes, que atuam como hepatoprotetores.

Já o Premier Cookie Sensitive é um petisco para cães filhotes a partir de oito semanas e adultos de todos os portes, formulado com proteínas hidrolisadas e um exclusivo blend de prebióticos, que auxilia no equilíbrio da microbiota intestinal e favorece a saúde digestiva. Apresenta ainda antioxidantes naturais e não utiliza ingredientes transgênicos, corantes ou aromatizantes artificiais.

Segundo Flávio Lopes, mestre e médico-veterinário especializado em Nutrição de Cães e Gatos e gerente de relacionamento científico da Premierpet, os alimentos coadjuvantes da companhia possuem eficácia comprovada para a finalidade à qual se propõem.

“Essas inovações, após muitos estudos e formulações, contam com eficácia comprovada. Duas delas, inclusive, foram tema de teses de mestrado recém-defendidas na USP, e a Diabetes Gatos foi desenvolvida em um projeto realizado em conjunto com a equipe do professor Thiago Vendramini no CEPEN-PET”, explica.

O médico-veterinário destaca que a ciência é o ponto de partida e também de chegada para o desenvolvimento de soluções e é fundamental ter um portfólio com alimentos validados cientificamente.

Para isso, mais do que um produto ser direcionado ao tratamento de uma determinada doença, ele também precisa oferecer os nutrientes necessários para a manutenção do organismo dos animais no dia a dia. Alcançar todos esses requisitos requer um processo de pesquisa e desenvolvimento minucioso.

“Além do nosso centro de pesquisa, que conta com profissionais multidisciplinares, especialistas, mestres e doutores, contamos com o apoio de universidades que utilizam protocolos seguros para avaliação desses pa- ➤

cientes. Premier Nutrição Clínica Diabetes Gatos, por exemplo, não apenas controlou os sintomas agudos da enfermidade, como também, após algumas semanas de uso, propiciou altas taxas de remissão da doença em alguns casos. Esses dados só existem porque são avaliados clinicamente”, destaca.

Já a Premier Nutrição Clínica Hepato Cães se mostrou eficiente em diminuir o escore de encefalopatia hepática nos pacientes, enquanto a Gastrointestinal Gatos melhorou o índice de disbiose em animais com enteropatia crônica.

Alguns desses resultados foram apresentados no Congresso do Colégio Europeu de Nutrição Veterinária Comparativa, realizado em Nápoles, Itália. “Todos esses lançamentos realmente resolvem desafios clínicos, porém o mais notável deles é o Premier Nutrição Clínica Hepato Cães, que é o primeiro do mundo a viabilizar o tratamento hepático seguro para filhotes a partir de 14 semanas. Desenvolver um alimento que não afete o crescimento e o desenvolvimento de filhotes com doenças hepáticas foi um avanço enorme”, analisa Flávio.

Outro ponto fundamental é que todos os alimentos da PremierPet contam com rigor dos ingredientes e formulação precisa. Para desenvolver cada novidade, são utilizadas tecnologias complexas, que visam atender as especificidades de cada doença.

Como exemplo há o ajuste fino entre redução de cobre e aumento de zinco, ideal para doenças hepáticas, ou a formulação com a menor ingestão de carboidratos na categoria para felinos diabéticos.

Todo esse cuidado surge a partir da identificação de dilemas clínicos reais e antigos. Conforme cita o gerente, o filhote com hepatopatia precisa crescer, mas não pode comer um alimento com proteína restrita; assim como o gato com problemas intestinais não necessariamente requer proteína hidrolisada única e deficiência severa de vitamina B12.

“Para nós, o foco no paciente e na necessidade do responsável são imprescindíveis. Esse cuidado com o bem-estar da família é essencial em nossas pesquisas, pois vai além dos



Recentemente, a PremierPet lançou três alimentos coadjuvantes: o Hepato Cães, o Gastrointestinal Gatos e o Diabetes Gatos

ingredientes e formulações, que passam por controles rigorosos de qualidade e especificidade, e visa atender diferentes demandas”, pontua.

Dessa forma, o alimento Gastrointestinal Gatos combate diretamente a disbiose intestinal e aumenta a cobalamina sanguínea sem necessidade de suplementação extra. O Hepato Cães mantém a massa magra de adultos através da quantidade de proteína adequada para adultos e pode ser oferecido para filhotes com desvio portossistêmico congênito. O Cookie Sensitive, por sua vez, permite um cuidado ultra personalizado na hora da recompensa para animais com alergias. “É a ciência brasileira gerando soluções exclusivas”, cita o veterinário.

FUTURO PROMISSOR. Mesmo com tantos bons resultados, a PremierPet segue com o foco em continuar investindo em ciência e em trazer soluções que auxiliem médicos-veterinários e responsáveis no cuidado com cães e gatos.

Segundo o CEO da companhia, a ciência é o DNA de PremierPet e o que garante que cada afirmação sobre os benefícios de um alimento seja real, mensurável e segura para os animais.

“Por isso, daqui para frente vamos concentrar nossos esforços e investimentos na expansão contínua da linha Premier Nutrição Clínica, no avanço da nutrição preventiva para retardar o surgimento de doenças e na pesquisa de tecnologias e ingredientes, que aliem alta performance e saúde com nossos valores sustentáveis”, afirma.

Flávio pontua que a proposta é continuar mapeando as maiores dores dos consultórios veterinários e dos responsáveis e utilizar a força da equipe e das parcerias para expandir ainda mais a linha, as pesquisas e os ensaios clínicos. “Hoje, o médico-veterinário brasileiro dispõe de um arsenal terapêutico nutricional de primeiríssima linha, provando que somos capazes de criar, pesquisar e entregar saúde pet no mais alto padrão tecnológico do mundo”, pontua.

Já Ana Duprat destaca o compromisso em seguir oferecendo educação continuada e conteúdo científico a médicos-veterinários e graduandos.

“Pretendemos manter nosso calendário de educação continuada, como a Escola de Nutrição EAD gratuita, o patrocínio a congressos e as parcerias ativas com centenas de hospitais veterinários e universidades. Também continuaremos estimulando a formação, a produção de conteúdos técnicos e a realização de eventos próprios e premiações”, finaliza. ■

Premier®

NUTRIÇÃO CLÍNICA

LANÇAMENTO

Cada necessidade clínica pede uma nutrição à altura

Novas opções da linha Premier Nutrição Clínica, desenvolvidas e aprovadas por médicos-veterinários para o manejo nutricional de condições específicas.



COM ANTIOXIDANTES *naturais*

SUPER PREMIUM



Consulte sempre o médico-veterinário.

Premierpet®

A DOR DA SEPARAÇÃO

LATIDOS EXCESSIVOS, DESTRUIÇÃO DE OBJETOS E ALTERAÇÕES FISIOLÓGICAS PODEM INDICAR TRANSTORNOS RELACIONADOS À SEPARAÇÃO E **REQUEREM ABORDAGEM MULTIMODAL**

» DANIELLE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br

Os transtornos relacionados à separação, por muito tempo chamados simplesmente de ansiedade de separação, fa-

zem parte da rotina clínica de atendimentos dos médicos-veterinários, especialmente quando se fala em cães.

Esse comportamento pode ter diferentes causas, dentre elas, medo e frustração, requerendo uma investigação criteriosa para definir o que está por trás da alteração. “Pesquisas apontam que quase 90% dos cães demonstram desconforto quando não estão com a família. Isso acontece devido ao processo de domesticação desses animais, que aconteceu há muitos anos. Considerando esse dado, é comum existirem alterações de comportamento quando o animal está longe dos responsáveis”, explica Juliana Gil, médica-veterinária mestre em Etologia e Bem-Estar Animal, pós-graduada em Etologia Clínica Veterinária e Neurociências e Comportamento, co-fundadora do Psicovet Centro e atual presidente da Associação Brasileira de Medicina Veterinária Comportamental (ABMEVEC).

Segundo a profissional, os animais

podem apresentar diferentes sintomas frente aos transtornos de separação. Há os que deixam de comer e beber água, além de não fazerem as necessidades (urinar ou defecar), demonstrando o sofrimento de forma passiva.

Por outro lado, certos cães podem latir de forma excessiva, destruir objetos, arranhar a porta, tentar pular na maçaneta e até urinar fora do lugar, por exemplo. “No geral, quando a família sai muitos cães vão latir por alguns minutos e depois seguem com a sua rotina. Quando há algum transtorno associado, os latidos podem durar por horas e parar apenas para que o animal descanse devido ao cansaço físico”, comenta.

AUSÊNCIA DE PESSOAS E ANIMAIS.

O mais comum é pensar no transtorno de separação desencadeado pela ausência de pessoas. Ou seja, quando o animal fica sozinho manifesta o comportamento.

Contudo, Juliana relata que isso também pode acontecer com pets que conviveram a vida toda juntos e, de repente, um deles morre. “O cão que ficou pode entrar em estado de transtorno relacionado à separação pela ausência do companheiro da mesma espécie”, pontua.

Inclusive, na prática, não é correto





dizer que existem animais mais predispostos à condição do que outros, especialmente no que diz respeito a raças.

A médica-veterinária destaca que, do ponto de vista neurocientífico, o comportamento é um conjunto de resultados, que envolve genética, experiências na infância e até aspectos do desenvolvimento. “Então, existe um conjunto de fatores predisponentes. Sabemos que cães que passaram por desmame precoce e foram separados da mãe antes dos 60 dias, ou até sofreram maus-tratos e abandono na primeira infância, possuem maior probabilidade de desenvolver esses problemas”, diz.

Além disso, animais que vivem em lares com uma pessoa só também podem apresentar maior predisposição para a síndrome, assim como os que são criados com sedentarismo e sem receber estímulos cognitivos e físicos, e os que passam por mudanças importantes na rotina. “Não podemos esquecer de alguns problemas médicos que podem piorar o quadro, como as dores crônicas e a síndrome da disfunção cognitiva”, cita Gil.

CLASSIFICAÇÃO EM GRUPOS.

Os animais com transtornos relacionados à separação podem ser divididos em quatro grandes grupos.

Segundo Juliana, o primeiro é o dos cães que tinham comportamento normal e, após alguma mudança de rotina, desenvolvem o cenário de angústia em relação à separação da família.

O segundo grupo engloba quadros persistentes, no qual desde sempre o animal sofreu nos momentos de solidão. Nesses casos, geralmente, os pets apresentam sinais desde jovens. “Temos também os quadros intermitentes. Neles, os animais conseguem ficar sozinhos durante a rotina normal. Porém, quando o responsável sai em horários diferentes os sintomas podem aparecer. Chamamos essas manifestações de intermitentes porque em certos momentos o cão fica bem e em outros não”, exemplifica.

Já o último grupo engloba questões de sono da família. Nesse caso, os cães costumam demonstrar os sintomas apenas à noite e, geralmente, são animais mais velhos que sentem a ausência da família.

MANIFESTAÇÕES FÍSICAS E COMPORTAMENTAIS.

Dentre as queixas mais comuns dos responsáveis por cães com transtornos de separação estão latir em excesso, urinar fora do lugar, andar de um lado para o outro constantemente e destruir objetos.

Entretanto, a condição pode desencadear outros sinais. Conforme relata a mestre em Etologia, alguns animais podem choramingar, babar de forma excessiva, tremer, ficar ofegantes e se manterem paralisados por longos períodos.

Há, ainda, pets que perdem o apetite ou adotam uma postura depressiva na ausência da família.

O grande problema é que todos esses comportamentos geram uma resposta de estresse elevada, desencadeando a liberação de hormônios e neurotransmissores, que podem facilitar o aparecimento de doenças ou agravar quadros preexistentes. “Posso citar como exemplo cães com dermatite atópica, que podem ter mais crises devido a questões emocionais. Logo, a condição afeta toda a saúde do animal por conta dessa resposta fisiológica de alto estresse”, esclarece.

Além disso, a intensidade do quadro é variável, existindo casos mais leves, moderados e até graves.

A CONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO FAMILIAR.

Dentre os diferentes aspectos que podem influenciar o aparecimento dos transtornos de separação está o processo de formação do vínculo entre o responsável e o pet.

A médica-veterinária destaca que é fundamental existir uma relação de confiança entre ambos. “Devemos oferecer um espaço no qual o animal possa viver como um cão e ter uma interação saudável com as pessoas. Assim, ele irá confiar em uma figura familiar e, ao mesmo tempo, realizar atividades independentes. Portanto, devemos proporcionar momentos em que o pet consegue viver sem depender de pessoas”, aconselha.

Outro ponto importante é que famílias que adotam práticas punitivas, como gritos e maus-tratos, podem enfrentar quadros mais exacerbados, assim como as que não possuem uma rotina regular. »

ENTENDENDO A CAUSA. Por todos esses motivos, o diagnóstico dos transtornos relacionados à separação deve ser feito de forma minuciosa, a partir de anamnese completa e exames para descartar condições médicas que possam estar desencadeando o quadro.

Tendo todas as informações importantes em mãos, é possível que o médico-veterinário entenda a qual grupo o animal pertence e consiga prover o tratamento adequado. “Entre os possíveis diagnósticos diferenciais que devemos considerar está a síndrome da disfunção cognitiva pois, quando os animais envelhecem, apresentam alterações sensoriais e aumento dos quadros de ansiedade. Também posso ter a condição em pets que possuem ansiedade generalizada, visto que vivem de forma intensa. Todos esses cenários podem ser confundidos com os transtornos relacionados à separação”, exemplifica Gil. Além disso, é fundamental saber diferenciar filhotes que possuem comportamento destrutivo por alegria ao invés de ansiedade.

Resumindo: para fechar o diagnóstico do transtorno, primeiro é preciso entender o contexto dos incidentes; em seguida, deve-se avaliar se existem doenças que podem estar agravando ou desencadeando as crises.

TRATAMENTO MULTIMODAL.

A abordagem mais utilizada atualmente para tratar os transtornos relacionados à separação tem como base três pilares. Ela começa através da readaptação da rotina do animal, seguindo a premissa do ditado: “mente vazia, caverna do diabo”.

“Quanto mais o cão estiver entediado e sem atividades, mais ele vai focar cognitivamente na questão do estar sozinho. Por isso, é necessário diminuir os picos de ansiedade durante o dia e mantê-lo ocupado. Essa etapa ajuda na segunda parte do tratamento, que engloba a modificação comportamental”, pontua Juliana.

A modificação comportamental é realizada com treinos específicos executados com técnicas de contracondicionamento e de sensibilização. Os treinos têm como foco ensinar de novo o animal a ficar sozi-



Juliana Gil é médica-veterinária, mestre em Etologia e Bem-Estar Animal, co-fundadora do Psicovet Centro e atual presidente da Associação Brasileira de Medicina Veterinária Comportamental (ABMEVEC)

nho e entender que a situação pode ser boa. “Vamos fazer isso gradativamente, oferecendo recursos de alto valor, como brinquedos que o cão goste e ausências programadas”, cita.

O enriquecimento ambiental também integra o manejo do paciente, contribuindo para mantê-lo mais estimulado cognitivamente e emocionalmente equilibrado, reduzindo os níveis de estresse e favorecendo o aprendizado durante o tratamento.

Já o terceiro pilar, que é indicado especialmente para casos moderados e graves, envolve o uso de medicações com o objetivo de promover regulação emocional. Ele é recomendado para animais que vivem com medo, angustiados, frustrados e possuem uma superativação do sistema nervoso central simpático. “A reação de luta e fuga vai despertar no cão uma grande liberação de noradrenalina e baixar a serotonina, o deixando com um nível de estresse muito alto que, inclusive, dificulta a aprendizagem. Nesses casos usamos os psicofármacos para reduzir essa resposta”, relata.

As medicações vão diminuir os picos de pressão arterial, frequência cardíaca e liberação de cortisol, permitindo momentos de relaxamento e de atividade cognitiva adequada.

PREVENÇÃO É O MELHOR CAMINHO. Por mais que existam fatores externos que podem desencadear os transtornos de separação, alguns cuidados desde a primeira fase da vida do cão podem minimizar as chances de o animal desenvolver a condição.

A médica-veterinária conta que, ao receber um novo pet em casa, é importante que os responsáveis separem um tempo na rotina para estar com ele, treiná-lo e prepará-lo para os desafios do dia a dia, sempre de forma gradativa e criando boas associações com o fato de estar sozinho. “Eu aconselho não deixar o cão sozinho nos primeiros dias no novo lar. Nessa fase ele ainda está sofrendo com a perda do ambiente em que vivia anteriormente e até pela ausência da mãe e dos irmãos. Então, o ideal é que não fique sozinho nesse início e que nas primeiras vezes que isso aconteça sejam períodos curtos e monitorados”, explica.

Outro bom momento para desenvolver a independência é durante a alimentação. Nessa hora, a profissional indica deixar o pet afastado da família e usar comedouros de dificuldade, que irão tornar o momento desafiador e interessante.

Deste modo, o pet terá uma motivação para ficar entretido e, posteriormente, a oferta de alimentos pode ser uma estratégia para manter o animal ocupado durante a ausência da família. “Do ponto de vista psicológico, todo cão vai preferir estar com a família do que fazendo outras coisas. Porém, quando a família não está, ao invés de ficar esperando o responsável voltar, ele pode focar em conseguir tirar o brinquedo do alimento, comer o petisco que adora e até lamber a pastinha úmida que tanto gosta”, afirma.

Além disso, Juliana destaca que ter um cão é um compromisso para a vida. Devido a isso, é necessário entender a importância de oferecer ao pet uma rotina saudável e evitar cenários punitivos com gritos, agressões, uso de enforcador e treinamentos aversivos. “Sempre que existe um vínculo inseguro com o ser humano, podem surgir os transtornos de ansiedade de separação, sendo importante desenvolver a independência e a segurança no animal para tentar evitar esses quadros”, conclui. ■



VETNIL® REÚNE 600 PARTICIPANTES NO 7º ENCONTRO DE RESIDENTES EM MEDICINA VETERINÁRIA

EVENTO GRATUITO CONTOU COM 54 PALESTRANTES E RECEBEU RESIDENTES DO BRASIL E DE OUTROS DEZ PAÍSES DA AMÉRICA LATINA

A Vetnil® realizou, entre 14 e 16 de setembro, o 7º Encontro Vetnil® de Residentes em Medicina Veterinária, em Itu (SP). Presencial e gratuito, o evento reuniu 600 participantes em três dias de atualização técnica, troca de experiências e debates sobre mercado de trabalho, empreendedorismo e tecnologia.

A edição contou com 54 palestrantes e recebeu profissionais de diferentes regiões brasileiras, além de 41 residentes de dez países da América Latina. Criado em 2013, o encontro busca complementar a formação acadêmica em uma etapa marcada pela escolha da especialidade, pelo ingresso no mercado e, em alguns casos, pela decisão de abrir o próprio negócio.

“A trajetória da Vetnil® de mais de três décadas nos trouxe até aqui com o compromisso de investir no futuro da Medicina Veterinária. Ao aproximar residentes de especialistas, queremos estimular a troca de experiências e ajudá-los a enfrentar os desafios da carreira com mais

confiança e preparo”, afirmou Vera Ribeiro, sócia e presidente da Vetnil®.

Segundo Leandro Foglia, diretor comercial da empresa, a iniciativa nasceu da dificuldade dos residentes em participar de cursos durante a formação. “A proposta é oferecer capacitação voltada especificamente a esses profissionais, combinando conteúdos técnicos, empreendedorismo e trajetórias de carreira. É uma contribuição à formação da classe veterinária”, explicou.

FORMAÇÃO, HOMENAGENS E TROCA DE EXPERIÊNCIAS. O encontro contou com uma área de exposição dedicada a iniciativas de pesquisa, formação profissional, causa animal e impacto social. Um aplicativo exclusivo reuniu a programação, avaliações e recursos de interação entre os participantes.

O 7º Encontro Vetnil® de Residentes em Medicina Veterinária trouxe palestras que abordaram temas como o diagnóstico e monitoramento da síndrome da disfunção cognitiva ca-

nina, tratamento de cães cardiopatas, prevenção da dor crônica no pós-operatório, atendimento dermatológico e terapia celular em pequenos animais. Também incluiu discussões sobre mercado veterinário, responsabilidade jurídica e inteligência híbrida, conceito que combina capacidades humanas e tecnológicas no trabalho.

Durante a abertura, a Vetnil® homenageou os médicos-veterinários Reinaldo de Campos, especialista em clínica e cirurgia de cavalos atletas, e Aury Nunes de Moraes, com trajetória acadêmica em anestesiologia animal e medicina de animais silvestres. Ambos foram reconhecidos por suas contribuições à formação profissional e ao desenvolvimento da Medicina Veterinária.

O encerramento foi conduzido por Alessandro Rosa Vieira, o Falcão, ex-jogador de futsal eleito quatro vezes o melhor do mundo pela FIFA. Na palestra “Mentes Campeãs”, ele falou sobre preparação, disciplina, tomada de decisão e enfrentamento de desafios. ■

EMAGRECIMENTO COM ESTRATÉGIA: O PAPEL DOS ALIMENTOS COADJUVANTES PARA OBESIDADE

▷ DANIELLE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br



O manejo da obesidade em cães e gatos vai muito além da simples redução da quantidade de alimento oferecida. Por mais que o déficit calórico seja fundamental para o emagrecimento, é necessário que os animais recebam os nutrientes necessários para a manutenção da saúde.

Nesse contexto, os alimentos coadjuvantes específicos para obesidade são fundamentais, pois asseguram a perda de peso adequada, sem promover deficiências nutricionais. “Quando apenas se restringe a quantidade de alimento de manutenção, também há um impacto negativo na saciedade, o que contribui para baixa adesão e frustração do responsável. Isso não acontece com os alimentos coadjuvantes, que fornecem quantidades ideais dos principais nutrientes envolvidos no manejo da doença”, explica Brana Sanctos Alô Bonder, médica-veterinária e gerente de assuntos veterinários da Hill's Brasil.

Segundo a profissional, ao escolher um alimento voltado ao emagrecimento, deve-se preconizar algumas características, como baixa densidade energética, teor reduzido de gordura e maior quantidade de fibras. “A redução no teor de gordura colabora para diminuir a densidade energética do alimento, visto que a gordura fornece 2,25 vezes mais calorias do que proteínas e carboidratos”, destaca.

As fibras, por sua vez, ajudam a diluir as calorias e aumentar a sacie-

dade, enquanto o aporte adequado de proteínas e aminoácidos auxilia na preservação da massa muscular.

ALIMENTO COM EFEITOS CIENTIFICAMENTE COMPROVADOS. Entre as opções disponíveis para o manejo nutricional da obesidade está a Hill's Prescription Diet Metabolic, desenvolvida para cães e gatos com excesso de peso.

A Hill's Pet Nutrition tem estudado como a nutrição pode alterar a expressão gênica em pacientes caninos. Durante as pesquisas, os cientistas descobriram que animais com obesidade e magros possuem expressões gênicas diferentes. Com isso, os obesos armazenam gordura, enquanto os magros queimam gordura.

Geralmente, os alimentos tradicionais para controle de peso utilizam formulações ricas em fibras e de baixa caloria, ao mesmo tempo em que gerenciam a fome e a saciedade.

A Hill's Prescription Diet Metabolic vai além disso. O alimento ativa o me-

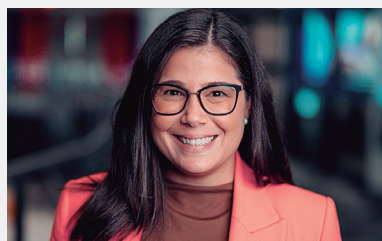
tabolismo único de cada pet através de uma mistura natural de ingredientes cuidadosamente selecionados que atuam de forma sinérgica, tornando o metabolismo de animais obesos mais parecido com o metabolismo dos magros e potencializando a queima de gordura.

“A eficácia do alimento Hill's Prescription Diet Metabolic é sustentada por um robusto corpo de evidências científicas, incluindo ensaios clínicos controlados e estudos em ambiente domiciliar. Seus principais benefícios incluem a modulação metabólica e a preservação de massa magra, o aumento da taxa metabólica basal e a melhora da composição corporal”, ressalta a gerente.

No momento de realizar a prescrição, o médico-veterinário deve individualizar o paciente, considerando o Escore de Condição Corporal (ECC), o Escore de Condição Muscular (MCS), o peso ideal e o histórico nutricional.

O acompanhamento periódico também é indispensável. A recomendação é realizar pesagens e reavaliações a cada duas a quatro semanas, com ajustes conforme a resposta do paciente.

Brana destaca que a orientação aos responsáveis também faz parte do tratamento. É fundamental fornecer informações claras sobre rotina e manejo alimentar, englobando a importância de pesar o alimento, controlar petiscos, evitar calorias extras e promover enriquecimento ambiental. ■



Brana Sanctos Alô Bonder, médica-veterinária e gerente de assuntos veterinários da Hill's Brasil

Fontes: 1. Towell T, Forrester SD, Cross S et al. Evaluation of a weight management food designed to increase basal metabolism in a home setting. Intern J Appl Res Vet Med. 2015;13(0):14-22. 2016;18(02):947-953.; 2. Data on file, Hill's Pet Nutrition, Inc.

**Perda de peso sem reduzir
excessivamente o tamanho
das porções.**



88% dos pets perderam peso em dois meses¹. **Clinicamente comprovado** no auxílio contra o reganho de peso².



CIÊNCIA QUE FAZ MAIS

MUITO ALÉM DOS QUILOS A MAIS

CADA VEZ MAIS COMUM ENTRE OS PETS,
A OBESIDADE POSSUI IMPACTO DIRETO NA **LONGEVIDADE**
E NA SAÚDE DE CÃES E GATOS

» DANIELLE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br

A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera a obesidade uma epidemia global entre as pessoas e esse cenário não é muito diferente do visto em cães e gatos.

Nas últimas décadas, diferentes estudos mostraram um aumento da prevalência do excesso de peso nos animais e diversos são os motivos apontados para esse cenário.

Entre eles está a humanização dos

pets e a rotina sedentária, que podem contribuir para um maior aporte de calorias frente a um gasto calórico menor diariamente. Além disso, fatores genéticos também podem estar envolvidos.

Conforme relatam Aulus Cavaliere Carciofi, médico-veterinário, diretor técnico do Colégio Brasileiro de Nutrição Animal (CBNA) e professor da Universidade Estadual Paulista (Unesp), e Giovanna Cavalcanti Fiorillo, médica-veterinária e aluna do 2º ano do programa de Aprimoramento Profissional em Medicina Veteri-





nária na área de Nutrição e Nutrição Clínica de Cães e Gatos, a tendência ao ganho de peso é de origem multifatorial e envolve aspectos genéticos, ambientais, comportamentais e o estado reprodutivo do animal.

“Esse processo se dá por meio do desbalanço entre o gasto energético e a ingestão calórica, situação em que ocorre um balanço energético positivo, caracterizado pela estocagem de energia na forma de ganho de peso”, afirmam.

Os responsáveis possuem um papel importante quando se fala em obesidade. Entre os erros de manejo que mais levam a essa condição está o excesso na oferta de petiscos, que causa um aumento da ingestão de calorias não provenientes do alimento completo do animal, assim como a alimentação em livre demanda, que pode proporcionar um aporte calórico acima do ideal.

IMPACTOS IMPORTANTES NO ORGANISMO. O consumo aumentado em relação ao gasto energético desencadeia um aumento da capacidade de armazenamento do tecido adiposo. Mais do que elevar os números na balança, a gordura é capaz de gerar no organismo um estado pró-inflamatório crônico, e predispõe à produção de citocinas inflamatórias e a liberação de hormônios reguladores de apetite.

Segundo Aulus e Giovanna, a obesidade também gera sobrecarga articular relacionada ao processo de osteoartrite, influência no ciclo reprodutivo devido à síntese de leptina pela extensão do tecido adiposo e causa desconforto respiratório associado à dificuldade de expansão do tórax, que pode gerar quadros clínicos de baixa tolerância ao esforço físico, dificuldade respiratória, cianose e síncope.

Outras consequências são a produção de citocinas e moléculas inflamatórias, como as interleucinas e o fator de necrose tumoral relacionadas à proliferação e angiogênese envolvidas em processos de desenvolvimento neoplásico.

“A sobrecarga das articulações pode influenciar o desenvolvimento de

processos crônicos de dor, como a osteoartrite, se apresentando através da claudicação, dificuldade de deslocamento e comprometimento das atividades fisiológicas. No caso dos gatos, a dor e a dificuldade de locomoção podem comprometer a auto-higienização do pelame, bem como promover episódios de automutilação com remoção dos pelos”, destacam.

Citando exclusivamente os felinos, pode ocorrer ainda resistência insulínica, que está diretamente associada ao desenvolvimento de diabetes mellitus.

Todos esses aspectos impactam diretamente a qualidade de vida e a longevidade dos animais. Prova disso é um estudo realizado por Kealy, em 2002, com cães da raça Labrador Retriever. De acordo com a pesquisa citada pelos médicos-veterinários, cachorros em estado de obesidade tiveram expectativa de vida e sobrevida reduzidas em dois anos em relação ao grupo que apresentava adequada condição corporal. “Nesses animais, também foram constatadas alterações em outros parâmetros, como a concentração sérica de triglicérides, colesterol, resistência insulínica e inflamação crônica”, explica.

Logo, é importante destacar que os efeitos da obesidade em cães e gatos são diferentes. Sabe-se que ambas as espécies desenvolvem um processo inflamatório crônico com posterior resistência insulínica devido à inibição dos receptores de insulina causada pelos mediadores inflamatórios do tecido adiposo. Contudo, os profissionais comentam que apenas nos gatos a resistência insulínica foi comprovadamente relacionada ao desenvolvimento de diabetes mellitus.

A boa notícia é que muitos dos efeitos deletérios causados pela obesidade podem ser resolvidos através do emagrecimento e, mesmo que o peso ideal não seja alcançado, a perda de peso melhora a qualidade de vida e reduz a sobrecarga das articulações.

Também contribui para a decompressão do tecido adiposo no tórax e »

na traqueia, diminuindo os efeitos sobre o fôlego e a tolerância a exercícios.

“Estudos mostram ainda que o emagrecimento parece resolver o processo inflamatório crônico, uma vez que está relacionado com a obesidade. Além disso, em gatos, o diabetes mellitus pode ser revertido com a perda de peso, em razão da eliminação da glicotoxicidade”, explicam.

AValiação DE PACIENTES OBESOS.

De acordo com Aulus e Giovanna, o peso corporal contribui para o cálculo da necessidade energética diária do paciente, mas não informa a condição corporal, uma vez que existem variações de porte e raça. Devido a isso, é necessária a avaliação do escore de condição corporal (ECC) para determinar se um animal está em estado de sobrepeso ou obesidade. “As escalas de ECC e massa muscular são ferramentas qualitativas subjetivas para se estimar a deposição de massa gorda e musculatura, e podem ser aplicadas por qualquer profissional treinado através da palpação”, pontuam.

Durante a avaliação do escore de condição corporal de um cão ou gato, deve-se verificar a presença de gordura subcutânea e avaliar o pescoço, as costelas, as escápulas, a cintura, os ossos pélvicos e a base da cauda.

Os animais com escore seis ou sete são diagnosticados em estado de sobrepeso, enquanto aqueles com escore oito ou nove são considerados obesos. Cada ponto demonstra uma taxa de 10% acima do peso corporal ideal.

MANEJO DA PERDA DE PESO. Animais com ECC acima de seis, em uma análise de nove pontos, devem ser incluídos em um programa de correção da necessidade energética. Essa correção deve ser realizada por meio de alimentos adequados para a perda de peso.

Segundo os médicos-veterinários, para definir uma dieta ideal deve-se considerar que a fase de crescimento, bem como o aumento no nível de atividade física, o gasto calórico e as doenças que apresentam catabolismo e hipermetabolismo necessitam de um aporte calórico aumentado. Por outro lado, animais sedentários e castrados gastam menos energia, neces-



Aulus Cavalieri Carciofi, médico-veterinário, diretor técnico do Colégio Brasileiro de Nutrição Animal (CBNA) e professor da Universidade Estadual Paulista (Unesp)

sitando de menor ingestão calórica.

Além disso, a abordagem sobre a obesidade com os responsáveis deve ser cautelosa e incluir o reconhecimento da condição do animal por parte deles. Para isso, os médicos-veterinários podem demonstrar a enfermidade a partir da palpação e a escala do escore de condição corporal.

“Os profissionais também podem apresentar aos responsáveis as consequências relacionadas ao processo de inflamação crônica gerado pela obesidade, bem como informar sobre a redução na expectativa de vida. Essas informações podem auxiliar na aceitação do tratamento. Também é essencial orientar o responsável sobre como quantificar o alimento fornecido, regular a quantidade de petiscos e escolher o alimento adequado, explicando os benefícios da troca, como o aumento da saciedade”, explicam.

Durante o programa de perda de peso devem ser realizadas reavaliações do peso e da condição corporal a cada 15 ou 30 dias. Dessa forma, se consegue entender se o tratamento está dando resultado e definir, de forma adequada, por quanto tempo o animal deve ser mantido no protocolo.

“A reavaliação também ajuda a iden-



Giovanna Cavalcanti Fiorillo, médica-veterinária e aluna do 2º ano do programa de Aprimoramento Profissional em Medicina Veterinária na área de Nutrição e Nutrição Clínica de Cães e Gatos

tificar possíveis falhas no tratamento e permite que o responsável reconheça os benefícios do emagrecimento, principalmente na qualidade de vida do paciente, mesmo que o peso ideal ainda não tenha sido atingido”, afirmam.

Esse acompanhamento pode ser realizado por meio do exame físico, que é o parâmetro menos invasivo para analisar ECC e o escore de massa muscular (EMM), assim como deve-se fazer o cálculo da taxa de emagrecimento semanal através do peso corporal do animal.

Porém, mais do que acompanhar a perda de peso, os médicos-veterinários possuem uma função fundamental na prevenção da obesidade e o Dia Nacional de Prevenção da Obesidade, celebrado em 11 de outubro, reforça a importância de combater essa condição.

“Para evitar o excesso de peso, os profissionais devem calcular adequadamente a quantidade de nutrientes de acordo com a fase de crescimento, raça, porte, idade e condição metabólica do animal. Em conjunto, precisam escolher o alimento mais adequado ao paciente através da avaliação da condição corporal e, ainda, conhecer as consequências geradas pela obesidade e orientar os responsáveis sobre elas”, finalizam Aulus e Giovanna. ■



Raiva em cães e gatos: a doença sem diagnóstico antemortem que exige alerta máximo na Saúde Única

A aparente ausência de casos urbanos de raiva pelas variantes caninas clássicas consolidou no Brasil uma sensação de controle da enfermidade. Trata-se de um equívoco sanitário, uma vez que o vírus rábico permanece ativo nos ciclos aéreo e silvestre. Com o avanço das intervenções sobre áreas naturais, o transbordamento viral (spillover) tornou-se frequente nas periferias e centros urbanos.

Sob a ótica da Saúde Única, os felinos exercem papel de destaque: o comportamento predatório os coloca em contato com morcegos caídos em quintais, estabelecendo via direta de contaminação para os seres humanos. Aspecto técnico de extrema relevância, ignorado pelo público, é a impossibilidade biológica de realizar o diagnóstico da raiva em animais vivos.

Devido ao tropismo estrito pelo tecido nervoso, a excreção viral na saliva ocorre de maneira tardia e intermitente, o que torna qualquer avaliação por sorologia, sangue ou swabs altamente suscetível a falsos negativos.

O diagnóstico confirmatório é estritamente post-mortem, executado em fragmentos do sistema nervoso central por laboratórios oficiais. É por essa limitação que a conduta diante de agressões se apoia no isolamento e na observação clínica do animal durante dez dias, prazo no qual o animal fatalmente apresentará evolução clínica e irá a óbito caso estivesse transmitindo o agente no momento do acidente.

Esse cenário torna-se delicado diante da crônica subnotificação. Na rotina clínica, a forma parálitica da raiva é confundida com obstruções mecânicas ou intoxicações, levando os responsáveis a introduzir as mãos desprotegidas na boca do animal para desobstruir a via aérea.

Paralelamente, animais que morrem com alterações neurológicas agudas costumam ser enterrados sem investigação, morcegos recolhidos são descartados no lixo doméstico e mordeduras superficiais deixam de ser registradas no SINAN (Sistema de Informação de Agravos de Notificação), gerando grave silêncio epidemiológico que mascara a real circulação do vírus.

Diante de um quadro incurável e sem diagnóstico em vida, a imunização anual de cães e gatos a partir dos três meses

ASPECTO TÉCNICO DE EXTREMA RELEVÂNCIA, IGNORADO PELO PÚBLICO, É A IMPOSSIBILIDADE BIOLÓGICA DE REALIZAR O DIAGNÓSTICO DA RAIVA EM ANIMAIS VIVOS

permanece como muralha imunológica de proteção populacional.

No âmbito da saúde humana, persiste uma lacuna regulatória expressiva: as diretrizes oficiais do Ministério da Saúde restringem a Profilaxia Pré-Exposição gratuita no SUS a categorias formalizadas, como médicos-veterinários e servidores de zoonoses.

Protetores independentes e voluntários de resgate, que lidam com animais de histórico desconhecido, permanecem desprovidos de acesso sistemático à imunização preventiva na rede pública.

O controle efetivo da raiva exige vigilância integrada, combate à subnotificação, cumprimento do calendário vacinal animal e urgente revisão à proteção humana preventiva. ■

Nayla Fernanda de Freitas, fundadora da Associação Brasileira de Bem-Estar Animal (ABBEA) com MBA em Gestão de Saúde, pós-graduação em Saúde Pública e Zoonoses e mestranda em Patologia Experimental e Comparada

PAUSA NO EMAGRECIMENTO: FATORES INVISÍVEIS QUE ATRAPALHAM A PERDA DE PESO EM CÃES

▷ **DANIELLE ASSIS**

danielle@dc7comunica.com.br

A obesidade é um problema cada vez mais comum na clínica de pequenos animais e tratá-la pode ser um desafio, pois o sucesso do tratamento depende de diferentes fatores, como a adesão do responsável ao plano de emagrecimento, a ida a consultas regulares para acompanhamento, a adequada redução alimentar, o fornecimento de uma dieta coadjuvante para obesidade e o ajuste da quantidade de alimento ao longo do tratamento.

ASPECTOS IMPORTANTES A SEREM CONSIDERADOS. Segundo Maria Eduarda Tozato, médica-veterinária com residência em Nutrição e Nutrição Clínica de Cães e Gatos, mestre em Clínica Médica e doutora em Ciências Veterinárias, ao acompanhar um animal que parou de perder peso é importante que o médico-veterinário verifique todos os aspectos que interferem no tratamento. “O primeiro passo é verificar a adesão dos responsáveis pelo animal ao manejo nutricional, confirmando se a dieta coadjuvante para obesidade está sendo oferecida na quantidade recomendada e devidamente pesada em balança digital. Também é importante

investigar possíveis fontes adicionais de calorias, como alimentos usados para administrar medicamentos, suplementos mastigáveis, acesso à comida de outros animais e oferta de frutas”, explica.

Maria Eduarda pontua também que os principais fatores associados à estagnação da perda de peso são reduções sutis no nível de atividade física, que podem passar despercebidas, e a falta de ajustes na quantidade diária de alimento ao longo do programa, já que a necessidade energética para perda de peso do animal se modifica durante o processo.

Por fim, a profissional destaca a importância de investigar possíveis doenças e o uso de medicamentos que possam interferir no emagrecimento.

MIX FEEDING COMO ALIADO. Tozato cita também que uma das estratégias que pode contribuir para a adesão dos responsáveis pelos cães às orientações de manejo alimentar é a adoção do mix feeding. “Um estudo realizado na Universidade de São Paulo (USP) mostrou que o mix feeding com as versões seca e úmida de uma dieta coadjuvante para obesidade, na proporção de 80:20 (seco:úmido), reduziu em 2,18 meses o tempo necessário para os cães atingi-

rem o ECC ideal, em comparação aos animais alimentados exclusivamente com a versão seca”, afirma a profissional.

Desta forma, quando um portfólio coadjuvante conta com opções úmidas do alimento para obesidade, o programa de perda de peso é favorecido, uma vez que o mix feeding é uma das estratégias que contribui para a adesão do responsável e o sucesso no tratamento da obesidade.

Os alimentos utilizados no estudo citado por Maria Eduarda foram as versões seca e úmida da Fórmula Natural Vet Care Obesidade Cães, disponível para cães adultos de portes mini e pequeno e médio e grande.

Portanto, o enfrentamento da obesidade em cães exige um olhar clínico atento aos detalhes que muitas vezes passam despercebidos na rotina, desde a precisão no manejo alimentar até a identificação de fatores comportamentais, metabólicos e terapêuticos que podem comprometer a evolução do paciente.

Nesse contexto, estratégias que favoreçam a adesão do responsável, como o uso de dietas coadjuvantes e a possibilidade de associação entre alimento seco e úmido, podem fazer diferença concreta nos resultados. ■



FÓRMULA NATURAL



VET CARE



OBESIDADE

Seco
2kg / 10,1kg

Úmido
270g



Fórmula Natural Vet Care Obesidade é um alimento coadjuvante que tem por objetivo **promover uma perda de peso saudável** e maior qualidade de vida aos animais que estão acima do peso ideal.



Este produto não substitui o tratamento convencional.



Conheça a linha completa
Fórmula Natural Vet Care

Facebook and Instagram icons followed by @formulanaturaloficial
www.formulanatural.com.br

LASER- TERAPIA

NA MEDICINA VETERINÁRIA: ENTRE A PROMESSA E A EVIDÊNCIA

» JESSIKA CAROLINE FERREIRA DA SILVA
E PAULO ABILIO VARELLA LISBOA

A fotobiomodulação (FBM), popularmente denominada laserterapia, consolidou-se como modalidade terapêutica não invasiva na Medicina Veterinária, especialmente nas áreas de reabilitação, analgesia, cicatrização e suporte ao paciente cirúrgico.

Apesar da crescente utilização clínica, sua aplicação ainda é marcada por protocolos heterogêneos, extrapolações da Medicina humana e expectativas frequentemente su-

periores às evidências disponíveis.

Este artigo revisa os fundamentos, principais indicações, contraindicações, vantagens, limitações e fatores relacionados à resposta terapêutica em cães e gatos, enfatizando a necessidade de individualização da dose e integração da FBM ao tratamento convencional.

ENTENDENDO A TÉCNICA. A utilização terapêutica da luz deixou de ser uma prática restrita à reabilitação e passou a ocupar espaço na rotina de clínicas e hospitais veterinários.



Entretanto, popularidade não é sinônimo de eficácia. A fotobiomodulação deve ser compreendida como uma modalidade adjuvante, e não como tratamento universal substituindo analgesia, cirurgia, antibioticoterapia, controle metabólico ou tratamento etiológico.

A FBM utiliza luz, principalmente nas faixas vermelha e infravermelha próxima, para produzir respostas biológicas dependentes de comprimento de onda, irradiância, fluência, tempo de exposição e características do tecido.

Entre os mecanismos propostos estão alterações da atividade mitocondrial, produção de ATP, sinalização por espécies reativas de oxigênio, óxido nítrico, cálcio e modulação de mediadores inflamatórios.

Contudo, alguns mecanismos clássicos, especialmente a participação da citocromo c oxidase como principal fotoceptor, permanecem objeto de debate experimental.

Essa ressalva é importante: laserterapia não é sinônimo de “mais energia, melhor resultado”. A resposta biológica apresenta comportamento dose-dependente e, em determinadas condições, o excesso de energia pode reduzir ou modificar o efeito desejado.

ONDE A LASERTERAPIA REALMENTE PODE AJUDAR? As aplicações veterinárias mais estudadas envolvem doenças musculoesqueléticas, quadros de dor, lesões de tecidos moles, feridas, algumas condições neurológicas e recuperação pós-operatória.

Na osteoartrite, por exemplo, a FBM pode ser utilizada como componente multimodal para redução da dor e melhora funcional.

Um ensaio clínico randomizado e duplo-cego realizado em cães com osteoartrite coxofemoral demonstrou redução de escores de dor e melhora de parâmetros funcionais após tratamento, com efeitos observados durante o acompanhamento.

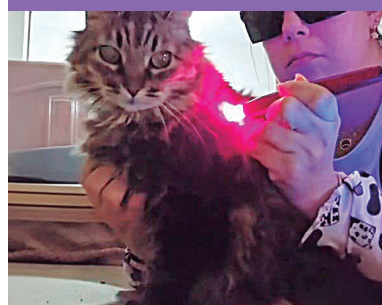
Entretanto, evidências mais recentes ainda classificam a força global dessa recomendação como limitada, reforçando que o laser não deve ser apresentado como superior aos anti-inflamatórios ou demais estratégias terapêuticas.

Em feridas e cicatrização, a situa-

ção é ainda mais interessante — e complexa. Há estudos experimentais demonstrando potencial benefício, mas também ensaios controlados nos quais não foram observadas diferenças relevantes na velocidade ou qualidade da cicatrização. Portanto, a indicação deve considerar tipo de ferida, vascularização, infecção, condição sistêmica, nutrição e tratamento primário.

Na prática cirúrgica, a FBM pode ser empregada como complemento para controle da dor, edema e recuperação funcional. Entretanto, seu benefício não elimina a necessidade de

LASERTERAPIA NÃO É SINÔNIMO DE “MAIS ENERGIA, MELHOR RESULTADO”. A RESPOSTA BIOLÓGICA APRESENTA COMPORTAMENTO DOSE-DEPENDENTE E, EM DETERMINADAS CONDIÇÕES, O EXCESSO DE ENERGIA PODE REDUZIR OU MODIFICAR O EFEITO DESEJADO



Laserterapia em ferida por mordedura

técnica cirúrgica adequada, controle de infecção, analgesia multimodal e acompanhamento pós-operatório.

Revisões atuais destacam seu potencial particularmente como terapia complementar, e não substitutiva.

O PACIENTE IMPORTA MAIS DO QUE O APARELHO. Um dos maiores equívocos na utilização clínica é acreditar que a escolha do equipamento determina o resultado. O equipamento é apenas uma ferramenta. O

protocolo é que constitui a terapia.

Comprimento de onda, potência, irradiância, fluência, área tratada, distância, contato, tempo de aplicação, frequência das sessões e profundidade do tecido interferem diretamente na resposta.

Pelagem, pigmentação cutânea, espessura tecidual e localização anatômica também podem alterar a quantidade de energia efetivamente entregue.

Isso explica parte dos resultados contraditórios encontrados na literatura. Uma revisão sistemática identificou 45 estudos veterinários elegíveis, predominando pesquisas em cães, e concluiu que a heterogeneidade dos parâmetros — incluindo comprimento de onda, dose, frequência e duração — dificulta a comparação entre trabalhos e a definição de protocolos universais.

Portanto, dizer simplesmente que determinado paciente “recebeu laser” informa muito pouco. O dado clinicamente relevante é quanto de energia foi entregue, onde, como e por quê.

COMORBIDADES: QUANDO A LUZ NÃO DEVE SER ANALISADA ISOLADAMENTE. Pacientes geriátricos, obesos, diabéticos, imunossuprimidos, anêmicos ou portadores de doença vascular podem apresentar resposta diferente daquela observada em animais jovens e sistemicamente saudáveis.

Em uma ferida crônica, por exemplo, não faz sentido atribuir ao laser a responsabilidade pela cicatrização se o paciente apresenta hipoproteinemia, hipoperfusão, hiperglicemia ou infecção não controlada. Da mesma maneira, no paciente com osteoartrite, o resultado será limitado se obesidade, sarcopenia, ausência de exercício terapêutico e inadequado controle da dor permanecerem sem intervenção.

A FBM pode favorecer o ambiente biológico necessário à recuperação, mas não corrige sozinha a causa que mantém a doença.

CONTRAINDICAÇÕES E CUIDADOS. A aplicação sobre os olhos deve ser evitada devido ao risco de lesão ocular, sendo indispensável proteção adequada durante o procedimento. Também exige cautela especial em regiões com neoplasia conhecida ou suspeita. »

Embora a FBM esteja sendo estudada inclusive em Oncologia, a possibilidade de interferência em processos proliferativos exige avaliação individual e não autoriza a aplicação indiscriminada diretamente sobre tumores.

A aplicação sobre útero gestante, gônadas, regiões hemorrágicas ou áreas nas quais a alteração do fluxo sanguíneo possa representar risco deve ser cuidadosamente avaliada. Em gestantes, a ausência de evidências suficientes para estabelecer segurança de determinados protocolos recomenda prudência, principalmente sobre abdômen e região uterina.

Também devem ser considerados medicamentos fotossensibilizantes, alterações de sensibilidade, infecções não controladas e condições nas quais o aquecimento tecidual seja indesejado. A segurança depende ainda do equipamento, da classe do laser, da proteção ocular e do treinamento do profissional.

VANTAGENS E DESVANTAGENS. Entre as principais vantagens estão a aplicação não invasiva, ausência de necessidade de sedação na maioria dos pacientes, possibilidade de utilização associada a outras terapias, potencial redução da dor e do edema e possibilidade de integração à fisioterapia e ao manejo pós-operatório.

As limitações, entretanto, são relevantes: protocolos ainda pouco padronizados, resposta variável entre indivíduos, dependência da dose, dificuldade de estimar a penetração efetiva em tecidos profundos e quantidade limitada de ensaios clínicos robustos para determinadas enfermidades.

A revisão sistemática da literatura veterinária encontrou evidências conflitantes ou insuficientes para várias indicações, além de risco de viés moderado ou elevado em diversos estudos.

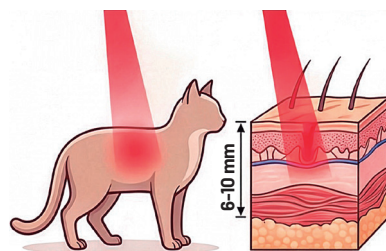
Assim, dois erros devem ser evitados: afirmar que “laser não funciona” porque determinado protocolo falhou e afirmar que “laser funciona para tudo” porque alguns pacientes apresentaram melhora.

DESMISTIFICANDO A EFICÁCIA. A resposta mais honesta talvez seja a menos comercial: a laserterapia pode funcionar, mas não funciona da mesma

ESPECTRO TERAPÊUTICO E PENETRAÇÃO

Diferença de penetração do feixe Luz vermelha e infravermelha (Imagem criada por Inteligência Artificial NotebookLM agosto/2026)

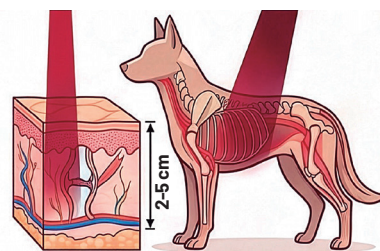
Luz Vermelha (630-660nm)



Penetração superficial (6-10 mm):

Indicada para cicatrização de feridas, dermatites, incisões cirúrgicas e laserpuntura (especialmente em felinos reativos)

Luz Vermelha (808-980nm)



Penetração profunda (2-5 cm): Ideal para osteoartrite, hérnias de disco (DDIV), dor profunda e estimulação de drenagem linfática

Imagem criada por Inteligência Artificial NotebookLM agosto/2026

maneira para todos os pacientes, doenças ou protocolos. Seu maior valor está provavelmente na abordagem multimodal. Um cão com osteoartrite pode necessitar de controle ponderal, exercício terapêutico, analgesia, adequação ambiental e FBM.

Um paciente cirúrgico pode necessitar de analgesia farmacológica, manejo da ferida, nutrição adequada e FBM.

Um animal neurológico pode precisar de fisioterapia, controle da dor, tratamento da causa primária e fotobiomodulação. O sucesso, portanto, não deve ser medido apenas pela impressão subjetiva do responsável. Escalas de dor, amplitude de movimento, apoio do membro, circunferência muscular, qualidade da ferida, necessidade de analgesia de resgate e qualidade de vida tornam a avaliação mais objetiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS. A laserterapia não é uma terapia milagrosa, mas tampouco deve ser reduzida a placebo ou modismo. Existe plausibilidade biológica e evidência clínica favorável para algumas aplicações, enquanto outras permanecem incertas.

O principal desafio contemporâneo não é provar que a luz possui efeitos biológicos, mas determinar qual luz, em qual dose, em qual tecido, para qual

paciente e em qual momento clínico.

Para o médico-veterinário, a competência não está em possuir o equipamento mais potente, mas em compreender fotobiologia, estabelecer indicação racional, calcular a dose, reconhecer contraindicações, monitorar resultados e saber quando interromper uma terapia que não está produzindo benefício.

A verdadeira evolução da fotobiomodulação veterinária ocorrerá quando o “laser” deixar de ser vendido como procedimento e passar a ser compreendido como prescrição terapêutica individualizada, baseada em fisiopatologia, evidência e avaliação objetiva do paciente. ■



ACESSE O QR
CODE AO LADO
E CONFIRA AS
REFERÊNCIAS

Jessika Caroline Ferreira da Silva,
médica-veterinária, pós-graduada
em Medicina Felina.

Paulo Abilio Varella Lisboa,
médico-veterinário, doutor em Ciências
Veterinárias, pesquisador da Fiocruz
e titular da Academia Brasileira
de Medicina Veterinária

Elanco

2 ANOS ZEN

+ de 2 milhões de cães em paz com a própria pele.

Milhões de motivos para celebrar

Zenrelia™

Zenrelia™ está no Brasil há dois anos, construindo uma história de resultados incríveis ao lado dos médicos-veterinários que confiam e prescrevem todos os dias.

Obrigado por fazer parte da Geração Zen com a gente.



Eficácia comprovada: Mais cães voltam ao normal com Zenrelia™

Até 77% dos cães alcançaram remissão do prurido até o dia 112, em comparação com 53% dos cães tratados com oclacitinib.¹



Dose única diária

Dose única diária desde o primeiro dia, em comparação com o oclacitinib, que requer 2 administrações ao dia nas primeiras 2 semanas.¹



Rápida ação

Rápida ação, com melhora visível da coceira desde o 1º dia, sem efeito rebote e controle consistente entre as doses.¹



Há dois anos, o Zenrelia™ chegou ao Brasil com a proposta de interromper o prurido sem complicar o protocolo. Um inibidor de JAK em dose única diária, sem necessidade de ajuste, com segurança e eficácia comprovadas desde o primeiro dia de tratamento. De lá pra cá, foram mais de 2 milhões de cães que romperam o ciclo da coceira e voltaram a dormir tranquilos.



Veja os depoimentos de quem já faz parte da geração Zen.

Com **Zenrelia™**, tudo fica zen.



UMA NOVA ERA PARA O TRATAMENTO DO DIABETES MELLITUS FELINO

ELANCO SAÚDE ANIMAL LANÇA **BEXACAT™**, MEDICAMENTO ORAL INDICADO PARA O CONTROLE GLICÊMICO DE GATOS RECÉM-DIAGNOSTICADOS COM A DOENÇA

▷ DANIELLE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br

O diabetes mellitus é uma das enfermidades endócrinas mais comuns em gatos e ainda representa um desafio no momento de instituir uma terapia.

Após a confirmação do diagnóstico, os médicos-veterinários precisam avaliar uma série de fatores, como o grau de deficiência de insulina e a presença de doenças concomitantes, que possam interferir no controle da condição. Além disso, o sucesso da terapia depende não apenas da eficácia da medicação, mas tam-

bém da boa adaptação do paciente e da realidade do seu responsável.

Segundo Tatiana L. R. Pavan, médica-veterinária e consultora técnica da Elanco Saúde Animal, o diabetes é uma doença crônica, que exige a participação constante do responsável.

Entre as dificuldades do tratamento estão a necessidade de administrar medicamentos diariamente, manter horários rigorosos, realizar o monitoramento contínuo do animal, adaptar a alimentação e reconhecer alterações clínicas que precisam de ava-

liação veterinária. “Estudos realizados com responsáveis por gatos diabéticos mostram que questões como o custo, o impacto na rotina, a hospedagem do animal e a preocupação com o vínculo com o gato estão entre as dificuldades percebidas no início do tratamento. Por isso, além de prescrever, é muito importante ensinar e construir um plano terapêutico que aquela família realmente consiga executar”, destaca.

Ciente dessas questões, a Elanco Saúde Animal lançou o Bexacat™, medicamento oral de administra-

ção diária indicado para o controle glicêmico de felinos recém-diagnosticados com diabetes mellitus.

FACILIDADE DE ADMINISTRAÇÃO COMO DIFERENCIAL. O principal diferencial da novidade é o fato de representar uma estratégia terapêutica que não depende da administração de insulina exógena para reduzir a glicemia.

O Bexacat™ tem como princípio ativo a bexagliflozina, um inibidor seletivo do cotransportador renal de sódio e glicose do tipo 2, chamado de SGLT2. Está disponível na apresentação de comprimido de 15 mg, que deve ser administrado uma vez ao dia, sem titulação da dose de acordo com peso ou glicemia.

Tatiana explica que o mecanismo de ação do produto é diferente da insulina. Ele atua nos rins, reduzindo a reabsorção da glicose filtrada. Dessa forma, uma quantidade maior de glicose é eliminada pela urina e a concentração de glicose no sangue diminui.

Normalmente, os rins filtram a glicose e recuperam grande parte dela para a circulação. A bexagliflozina, por sua vez, bloqueia seletivamente o SGLT2, um dos transportadores responsáveis por essa recuperação. “De maneira simples, parte da glicose que voltaria para o sangue passa a ser eliminada na urina, reduzindo rapidamente a glicemia. Mas é importante ressaltar que o Bexacat™ não substitui a insulina produzida pelo próprio organismo. Por isso, selecionar corretamente um paciente que ainda tenha capacidade endógena suficiente de produção de insulina é fundamental para reduzir o risco de cetose e cetoacidose diabética euglicêmica”, pontua a médica-veterinária.

RESULTADOS COMPROVADOS. No estudo clínico realizado para avaliar a ação do produto, seu efeito pôde ser observado já nas primeiras horas após a primeira administração, e o controle glicêmico foi mantido ao longo do acompanhamento. “No estudo pivotal, 84% dos gatos avaliados atingiram o critério de sucesso terapêutico no dia 56, combinando melhora do controle glicêmico com resolução de, pelo menos, uma manifestação clínica. Também



Tatiana L. R. Pavan, médica-veterinária e consultora técnica da Elanco Saúde Animal

não foram observados episódios de hipoglicemia clínica na análise”, explica.

Contudo, é importante não interpretar esses resultados como uma comparação de superioridade da solução em relação à insulina. De acordo com a profissional, essas são estratégias voltadas para perfis diferentes de pacientes.

“A insulina continua sendo essencial para gatos que dependem de administração exógena de insulina e para aqueles que não atendem aos critérios de uso de um inibidor de SGLT2”, diz.

Com isso, Bexacat™ é uma alternativa para animais recém-diagnosticados e clinicamente estáveis, que apresentem bom estado geral de saúde, apetite adequado, não tenham recebido insulina anteriormente e não apresentem evidências de deficiência grave de insulina, cetose/cetoacidose ou doenças que aumentem o risco do tratamento.

Tatiana comenta que a bula brasileira permite o uso em animais com peso a partir de 2,7 kg, porém a decisão não deve se basear apenas em peso e glicemia, sendo essencial uma adequada triagem clínica e laboratorial.

A ESCOLHA DA TERAPIA. Antes de escolher o Bexacat™ para tratamento do diabetes mellitus felino é essen-

cial não apenas confirmar o diagnóstico da doença, como também avaliar o paciente como um todo, levando em consideração histórico clínico, dados do exame físico, peso, condição corporal, nível de apetite e hidratação.

A avaliação laboratorial deve verificar, entre outros pontos, função renal e hepática, presença de cetonas/BHB, possibilidade de pancreatite e infecção urinária. “Essa seleção inicial é uma das principais ferramentas de segurança do tratamento. Mais do que a glicemia isolada, é o estado clínico e metabólico do paciente que orienta a escolha do tratamento - e a terapia que define o plano de monitoramento”, destaca a consultora técnica da Elanco Saúde Animal.

Já após o início do tratamento, é fundamental orientar o responsável sobre a importância de um acompanhamento rigoroso, especialmente nas primeiras oito semanas de uso.

Nesse período, os médicos-veterinários devem avaliar redução ou perda de apetite, letargia, desidratação, perda de peso, vômitos, diarreia ou fraqueza e acompanhar os níveis de beta-hidroxibutirato (BHB), que ajudam a identificar precocemente a produção excessiva de corpos cetônicos e o risco de cetoacidose.

Diante de uma doença tão desafiadora, Bexacat™ surge como uma alternativa, oferecendo um caminho terapêutico para gatos recém-diagnosticados com diabetes mellitus e representa uma solução de fácil administração e elevada eficácia.

No estudo clínico com o medicamento, as avaliações dos responsáveis sobre a própria qualidade de vida e a de seus gatos foram muito favoráveis.

“Para algumas famílias, eliminar as injeções e realizar a administração oral do medicamento uma vez ao dia pode reduzir uma barreira importante ao tratamento. Com isso, os grandes diferenciais do produto são a possibilidade de fazer o tratamento com uma única dose diária e oferecer uma opção que diminua a complexidade do tratamento e permita que o médico-veterinário escolha uma estratégia compatível com aquele gato e aquela família”, conclui Tatiana. ■

FIV E FELV: O DESAFIO DO TRATAMENTO ANTIRRETROVIRAL

ENTRE BENEFÍCIOS POTENCIAIS, TOXICIDADE E LIMITAÇÕES DAS EVIDÊNCIAS, ESCOLHA DA TERAPIA **EXIGE AVALIAR O PACIENTE** ALÉM DO RESULTADO POSITIVO PARA AS RETROVIROSES

» **STÉFANI CAMPOS CHAGAS**
stefani@dc7comunica.com.br

O diagnóstico de FIV (Vírus da Imunodeficiência Felina) ou FeLV (Vírus da Leucemia Felina) ainda representa um desafio na rotina da Medicina Felina, especialmente quando se discute a possibilidade de utilizar medicamentos antirretrovirais.

Embora alguns fármacos apresentem resultados promissores, a terapia não constitui uma conduta padronizada para todos os gatos positivos.

Na prática, o tratamento deve partir da avaliação clínica individual, considerando manifestações relacionadas à infecção, doenças secundárias, alterações hematológicas, comorbidades e qualidade de vida.

Isabelle C. Guimarães, médica-veterinária pós-graduada em Clínica Médica e Cirúrgica de Felinos, certificada Cat Friendly Veterinarian pela American Association of Feline Practitioners (AAFP) e membro da associação, explica que o resultado do teste precisa ser interpretado dentro do contexto clínico. “A positividade para FIV ou FeLV, isoladamente, não é indicação automática de tratamento”, afirma.

FIV E FELV NÃO SÃO IGUAIS. Apesar de ambas serem retroviroses, FIV e FeLV apresentam diferenças importantes na dinâmica da infecção e na resposta aos medicamentos.

De acordo com Isabelle, existe maior

experiência clínica com antirretrovirais em pacientes selecionados com FIV. Na FeLV, por outro lado, as evidências são mais limitadas e a resposta tende a ser menos previsível.

A conduta deve considerar o estágio da infecção, manifestações clínicas, alterações hematológicas e comorbidades. No caso da FeLV, o padrão de infecção também é determinante para a tomada de decisão. Assim, o diagnóstico laboratorial deve ser apenas uma parte da avaliação, e não o único critério para estabelecer uma terapia.

QUAIS MEDICAMENTOS PODEM SER UTILIZADOS? Na FIV, a zidovudina (AZT) é o antirretroviral com maior respaldo clínico. O fármaco pode reduzir a carga viral e beneficiar determinados pacientes, mas seu uso prolongado é limitado principalmente pela mielotoxicidade e pelo desenvolvimento de resistência.

Na FeLV, o raltegravir está entre os medicamentos mais estudados, com resultados promissores na redução da viremia. Entretanto, ainda não há evidência consistente de benefício sustentado sobre carga proviral ou sobrevida.

Outros fármacos, como didanosina, fozivudina, adefovir e tenofovir, permanecem principalmente no campo experimental. “Embora alguns resultados sejam promissores, o uso de antirretrovirais em gatos ainda exige seleção criteriosa dos pacientes, monitorização e interpretação individualizada das evidências disponíveis”, pontua a médica-veterinária.

QUANDO A TERAPIA É INDICADA? A presença de FIV ou FeLV em um gato assintomático ou porque é positivo, por si só, não justifica o início rotineiro de terapia antirretroviral.

Na FIV, o tratamento pode ser considerado quando existem manifestações clínicas atribuíveis à infecção, como alterações hematológicas, neurológicas ou estomatite.

Na FeLV, a prioridade permanece na identificação e no tratamento das doenças secundárias e complicações associadas. Recorrência de infecções, alterações hematológicas, sinais clínicos e o padrão da infecção

devem entrar na avaliação. Em gatos com FeLV progressiva e assintomáticos, as diretrizes atuais não recomendam tratamento antiviral de rotina.

TOXICIDADE EXIGE MONITORAMENTO. A segurança é um dos pontos que precisam ser considerados antes e durante a terapia com os antirretrovirais. Com a zidovudina, a principal preocupação é a anemia não regenerativa, tornando gatos com supressão medular prévia candidatos inadequados ao tratamento.

O acompanhamento deve incluir hemograma seriado, especialmente nos pacientes que recebem AZT, além de perfil bioquímico e urinálise conforme o medicamento e as comorbidades.

A POSITIVIDADE PARA FIV OU FELV, ISOLADAMENTE, NÃO É INDICAÇÃO AUTOMÁTICA DE TRATAMENTO

A avaliação clínica também deve ser contínua, considerando peso, condição corporal, cavidade oral, linfonodos, sinais neurológicos e ocorrência de infecções secundárias.

Na FeLV, a PCR quantitativa para provírus, quando disponível, pode auxiliar na avaliação da dinâmica da infecção e da resposta antiviral. Apesar de os estudos com raltegravir sugerirem boa tolerabilidade, a experiência clínica ainda é limitada. “O objetivo do monitoramento é documentar benefício clínico real, segurança e qualidade de vida, ajustando a estratégia de forma individualizada”, ressalta Isabelle.

EVIDÊNCIAS AINDA SÃO LIMITADAS. Um dos principais obstáculos para a consolidação dessas terapias é a quantidade e a qualidade dos estudos disponíveis.

Há poucos ensaios clínicos controlados, amostras reduzidas e predominância de dados obtidos em modelos experimentais ou estudos in vitro.

Ainda faltam evidências robustas em gatos com FIV capazes de de-

monstrar impacto consistente dos antirretrovirais sobre manifestações clínicas, qualidade de vida e sobrevida, o que também recomenda as diretrizes atuais da European Advisory Board on Cat Diseases (ABCD) e da International Cat Care (iCatCare).

Também existem lacunas sobre farmacocinética, toxicidade em longo prazo, resistência antiviral e eficácia de combinações de medicamentos.

Por isso, apesar dos resultados promissores de alguns fármacos, ainda não existem protocolos antirretrovirais amplamente padronizados para FIV ou FeLV.

TRATAR O PACIENTE, NÃO APENAS O TESTE. Diante desse cenário, a avaliação individual permanece como principal ferramenta para a tomada de decisão.

Antes de prescrever um antirretroviral, o médico-veterinário deve avaliar o estado clínico, as comorbidades, as alterações hematológicas e o impacto efetivo da retrovirose naquele paciente.

O manejo também envolve ambiente, alimentação, interação com outros gatos e qualidade de vida. No atendimento domiciliar especializado, esses fatores podem ser observados diretamente e contribuir para uma avaliação mais ampla. “Na rotina, o mais importante é não tratar apenas o resultado do teste, mas o paciente como um todo. Caso a terapia seja instituída, a monitorização clínica e laboratorial periódica é indispensável, especialmente porque ainda não existem protocolos universais para FIV e FeLV”, destaca Isabelle. ■

Isabelle C. Guimarães é médica-veterinária pós-graduada em Clínica Médica e Cirúrgica de Felinos, certificada Cat Friendly Veterinarian pela American Association of Feline Practitioners (AAFP) e membro da associação



ESTUDO BRASILEIRO APONTA BENEFÍCIOS DA ASSOCIAÇÃO DE TRAMADOL E DAPIRONA NO PÓS-OPERATÓRIO DE CÃES

PESQUISA PUBLICADA NA FRONTIERS IN VETERINARY SCIENCE TRAZ NOVAS EVIDÊNCIAS SOBRE O USO DA ASSOCIAÇÃO EM PROTOCOLOS DE ANALGESIA MULTIMODAL

O período pós-operatório exige atenção especial ao manejo da dor, sobretudo após procedimentos associados a estímulos nociceptivos moderados ou intensos. Nesses casos, atuar em diferentes vias envolvidas na dor pode ampliar as possibilidades de controle analgésico, o que torna a abordagem multimodal uma estratégia importante na rotina clínica.

É nesse contexto que a associação de tramadol e dipirona vem sendo estudada. Enquanto o tramadol atua por mecanismos opioides e pela modulação das vias de serotonina e norepinephrine, a dipirona apresenta ação analgésica por mecanismos centrais e periféricos. A utilização conjunta busca, portanto, explorar efeitos complementares no controle da dor.

Novos dados sobre essa estratégia foram apresentados em um estudo clínico brasileiro publicado na revista científica internacional *Frontiers in Veterinary Science*. A pesquisa avaliou 30 cadelas submetidas à ovariectomia associada à mastectomia unilateral.

Os animais foram distribuídos em três grupos, tratados com tramadol e dipirona associados ou com cada um dos fármacos isoladamente, sempre dentro de um protocolo analgésico multimodal. Durante cinco

dias, foram avaliados escores de dor, necessidade de analgesia de resgate e concentrações séricas de cortisol.

Os resultados mostraram diferenças principalmente no período inicial da recuperação, momento em que os estímulos nociceptivos e inflamatórios tendem a ser mais intensos.

No primeiro dia após a cirurgia, o grupo que recebeu a associação (tramadol + dipirona) apresentou melhor controle da dor em comparação ao tratado apenas com dipirona, além de maior número de animais classificados sem dor.

Outro resultado chamou atenção: após o início do tratamento oral, nenhum cão que recebeu a associação necessitou de analgesia de resgate. Os pesquisadores apontam o achado como um possível indicativo de controle mais consistente da dor no período inicial.

As concentrações de cortisol permaneceram dentro do intervalo de referência no grupo tratado com a associação, enquanto aumentos transitórios foram registrados nos demais. Além disso, não foram observados efeitos adversos clinicamente relevantes durante o acompanhamento.

Para a prática clínica, os achados ampliam as evidências sobre o potencial da associação de tramadol e dipirona como parte de protocolos multimodais, especialmente no período

inicial da recuperação. A possibilidade de manter essa estratégia por via oral também ganha relevância após a alta, quando a continuidade do manejo analgésico passa a depender da administração pelo responsável do animal.

Nesse cenário, reunir diferentes mecanismos de ação em uma mesma estratégia pode representar um recurso importante para prolongar a cobertura analgésica e facilitar a condução do tratamento ao longo da recuperação do animal. ■

Referência

MASTROCINQUE, S. et al. Efficacy and safety of a fixed-dose oral tramadol-dipyrone combination for postoperative analgesia in dogs undergoing ovariectomy and unilateral mastectomy: a randomized clinical trial. *Frontiers in Veterinary Science*, v. 13, 2026.



O PRIMEIRO COMPRIMIDO DO MUNDO A UNIR
DIPIRONA E TRAMADOL EM UMA ÚNICA ASSOCIAÇÃO

**SINDOLOR®
GATOS**

50 mg 8 mg

SINDOLOR®

750 mg 60 mg

250 mg 20 mg

Analgesia

2 em 1



50 mg/8 mg



0,6 cm

1 comprimido / 4 kg

250 mg/20 mg



0,8 cm

1 comprimido / 10 kg

750 mg/60 mg



1,0 cm

1 comprimido / 30 kg

**SINDOLOR®
GATOS**



Escaneie o QR Code
para acessar o artigo

SINDOLOR®



Escaneie o QR Code
para acessar o artigo

Avert®
BIOLAB SAÚDE ANIMAL

Onde
encontrar



SAC 0800 941 5566
www.avertsaudeanimal.com.br
@avertsaudeanimal

biolab
FARMA

ACROMEGALIA: ALÉM DO DIABETES

AINDA POUCO RECONHECIDA, A **ACROMEGALIA** PODE ESTAR POR TRÁS DE CASOS DE DIABETES MELLITUS DE DIFÍCIL CONTROLE, ESPECIALMENTE EM FELINOS

» **STÉFANI CAMPOS CHAGAS**

stefani@dc7comunica.com.br

Embara considerada uma endocrinopatia incomum, a acromegalia provavelmente ainda é subdiagnosticada na Medicina Veterinária. A evolução lenta e a semelhança dos sinais clínicos com outras alterações metabólicas podem dificultar o reconhecimento da doença, atrasando o diagnóstico e o tratamento.

Caracterizada pelo excesso crônico do hormônio do crescimento (GH), a enfermidade provoca aumento do fator de crescimento semelhante à insulina tipo 1 (IGF-1), levando a alterações como crescimento exagerado de tecidos, resistência insulínica e diabetes mellitus, principalmente em gatos.

Para a médica-veterinária Nayara Cristina de Paula Silva, formada pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) e especializada em Endocrinologia e Metabologia de Pequenos Animais e em Nutrição e Nu-

trologia de Pequenos Animais pela ANCLIVEPA/SP, ampliar a suspeita clínica é essencial para identificar os pacientes.

"Muitos sinais clínicos são progressivos e podem ser confundidos com alterações relacionadas ao envelhecimento, obesidade ou resistência insulínica. O diagnóstico precoce permite uma melhor abordagem terapêutica e acompanhamento do paciente", afirma.

QUANDO SUSPEITAR DA DOENÇA? Nos gatos, o principal alerta para investigação da acromegalia é o diabetes mellitus de difícil controle, especialmente em pacientes que necessitam de doses elevadas de insulina ou não apresentam resposta esperada ao tratamento.

Além da resistência insulínica, podem ocorrer alterações como aumento da cabeça e das características faciais, crescimento das patas, aumento de massa corporal e al-

terações respiratórias e cardíacas.

"O médico-veterinário deve suspeitar, principalmente, diante de um gato diabético que não responde adequadamente ao tratamento convencional ou que apresenta características físicas compatíveis com crescimento excessivo dos tecidos", orienta Nayara.

Nos cães, a ocorrência é menos frequente, mas pode estar relacionada à ação da progesterona, principalmente em fêmeas inteiras durante o diestro ou após o uso de progestágenos.

EXCESSO DE GH PROVOCA ALTERAÇÕES SISTÊMICAS.

A acromegalia geralmente está associada a adenomas hipofisários secretores de GH. O excesso desse hormônio estimula o fígado a produzir maiores concentrações de IGF-1, responsável pelos efeitos anabólicos e pelo crescimento exagerado dos tecidos. "O excesso de GH estimula principalmente o fígado a produzir IGF-1, que promove efeitos anabólicos e crescimento exagerado dos tecidos. Como consequência, ocorre aumento de tecidos moles, alterações ósseas e resistência à ação da insulina", explica a médica-veterinária.

Embora o mecanismo seja semelhante, cães e gatos apresentam diferenças importantes com relação à doença. Nos felinos, a forma mais reconhecida está associada aos tumores hipofisários produtores de GH e frequentemente se manifesta com diabetes resistente ao tratamento.

Nos cães, a acromegalia induzida por progesterona apresenta uma característica particular: a produção de GH ocorre nas glândulas mamárias sob estímulo hormonal. Nesses casos, a condição pode ser reversível após a remoção da fonte hormonal ou suspensão dos progestágenos.

DIAGNÓSTICO EXIGE AVALIAÇÃO INTEGRADA.

A confirmação da acromegalia depende da associação entre histórico clínico, exame físico, exames laboratoriais e de imagem e testes hormonais.

A dosagem de IGF-1 é o principal exame de triagem, mas seus resultados devem ser interpretados com cautela, considerando fatores como idade, estado nutricional e controle metabólico.



Nayara Cristina de Paula Silva, médica-veterinária especializada em Endocrinologia e Metabologia de Pequenos Animais e em Nutrição e Nutrologia de Pequenos Animais

"Valores elevados de IGF-1 podem sofrer influência da idade, do estado nutricional e do controle metabólico. Por isso, os resultados devem sempre ser interpretados em conjunto com os achados clínicos", reforça Nayara.

A tomografia computadorizada e a ressonância magnética da hipófise auxiliam na identificação de adenomas e no planejamento terapêutico. Entretanto, o acesso limitado a exames especializados ainda representa um desafio na rotina veterinária brasileira.

Durante a investigação, também devem ser considerados diferenciais como diabetes mellitus descompensado por outras causas relacionadas à resistência insulínica, como: obesidade, hipercortisolismo e infecção urinária.

MANEJO BUSCA CONTROLE E QUALIDADE DE VIDA.

O tratamento da acromegalia depende da espécie, da causa da doença, da gravidade clínica e dos recursos disponíveis. Nos gatos, o controle do diabetes mellitus é um dos principais pilares, com ajustes da insulino terapia, monitoramento glicêmico e manejo nutricional.

Quando disponíveis, terapias direcionadas ao adenoma hipofisário podem ser consideradas, incluindo cirurgia, radioterapia e medicamentos que atuam na via GH/IGF-1. "Estudos demonstraram redução da secreção de GH pelo adenoma hipofisário com a pasireotida (análogo da somatostati-

na) em gatos, embora a disponibilidade dessas terapias e a resposta clínica ainda possam variar", destaca Nayara.

Nos cães com acromegalia associada à progesterona, a remoção da fonte hormonal é a principal conduta, podendo levar à normalização gradual dos níveis de GH e IGF-1. O prognóstico depende do diagnóstico, do controle metabólico e das complicações associadas. Nos felinos, muitos pacientes podem manter boa qualidade de vida por longos períodos quando há acompanhamento contínuo e manejo adequado.

AVANÇOS AINDA DEPENDEM DE MAIOR ACESSO.

O maior reconhecimento da relação entre acromegalia e diabetes mellitus felino, aliado ao avanço dos exames de imagem e à maior disponibilidade da dosagem de IGF-1, tem permitido identificar mais casos.

Apesar dos avanços, desafios permanecem, como ampliar o acesso a exames especializados, padronizar testes hormonais e disponibilizar terapias específicas. "A acromegalia é um excelente exemplo de como a Endocrinologia Veterinária exige um raciocínio clínico integrado. A interpretação conjunta dos sinais clínicos, alterações metabólicas, avaliações hormonais e exames de imagem é fundamental para estabelecer um diagnóstico mais preciso e definir a melhor abordagem terapêutica para cada paciente", conclui a médica-veterinária. ■



Comunicação e decisão consciente na Medicina Veterinária: pilares de uma assistência segura

Na Medicina Veterinária, o paciente é o destinatário do cuidado, mas não é quem manifesta sua vontade sobre o tratamento. Cabe ao médico-veterinário indicar as condutas tecnicamente adequadas e ao responsável pelo animal participar da decisão, deliberando em seu melhor interesse. Essa característica torna a comunicação um elemento essencial da assistência, pois a qualidade das decisões depende da qualidade das informações compartilhadas.

QUEM DECIDE PELO PACIENTE ANIMAL. Diferentemente do que ocorre, em regra, na Medicina Humana, em que a autonomia do paciente orienta a tomada de decisões, na Medicina Veterinária o responsável pelo animal participa das escolhas e autoriza as condutas propostas.

Para que essa decisão seja verdadeiramente consciente, não basta obter uma autorização: é indispensável assegurar a compreensão. Isso significa comunicar, em linguagem clara, o diagnóstico, o prognóstico, os riscos previsíveis, as limitações do tratamento, as alternativas disponíveis e alinhar expectativas de forma transparente.

Por isso, o dever de informação não deve ser compreendido como uma obrigação meramente documental ou burocrática. Trata-se de um processo contínuo de comunicação que permite ao responsável exercer sua liberdade de escolha com consciência e responsabilidade.

A COMUNICAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE SEGURANÇA ASSISTENCIAL. Quando a comunicação é insuficiente ou inadequada, aumentam as expectativas irreais, fragiliza-se a confiança e ampliam-se os riscos de conflitos. Muitas vezes, esses conflitos não decorrem da qualidade técnica da assistência, mas da per-

cepção de que informações relevantes deixaram de ser compartilhadas ou compreendidas.

Nesse contexto, clínicas e hospitais veterinários que estruturam seus processos de comunicação, capacitam suas equipes, padronizam orientações e incorporam a gestão de riscos à rotina fortalecem não apenas sua segurança jurídica, mas também a qualidade da assistência prestada.

Comunicar bem, portanto, não é um complemento da boa prática profissional. É uma competência essencial para a construção de decisões conscientes, o fortalecimento da relação de confiança com os responsáveis pelos animais e uma assistência verdadeiramente segura e centrada no paciente.

MEMORIZE ISSO! Decisões conscientes não dependem apenas da liberdade de escolha. Dependem, sobretudo, da qualidade da informação que sustenta essa escolha.

PARA REFLETIR. Na Medicina Veterinária, o responsável pelo animal exerce a decisão. Ao médico-veterinário cabe assegurar que essa decisão seja construída com informação clara, compreensão adequada e diálogo transparente. É nesse encontro entre conhecimento e comunicação que se fortalece a confiança e se qualifica a assistência. ■

NA PRÓXIMA EDIÇÃO

Continuaremos trazendo reflexões e orientações que impactam o exercício da Medicina Veterinária Contemporânea. Envie dúvidas para: vet-fazdireito@institutodas.com.br

Ana Paula Falcão de Moura Gierlich é advogada, especialista e mestranda em Direito Médico, doutoranda em Odontologia Legal, fundadora do Instituto DAS – Direito Aplicado à Saúde, Profa. Convidada em Direito Odontológico nos Cursos de Especialização, Mestrado e Doutorado em Odontologia Legal da Faculdade São Leopoldo Mandic – Campinas/SP. Conselheira em Empresas de Saúde pela Board Academy. Diretora de Compliance da EquoSorriso Equoterapia – São José dos Pinhais/PR, Co-fundadora da CODEGEE – Consultoria, Desenvolvimento e Gestão Empresarial Ltda. Criadora do Programa VET FAZ DIREITO – que auxilia médicos-veterinários e estabelecimentos a fortalecer processos, prevenir conflitos e exercer a profissão com mais segurança, tranquilidade e proteção reputacional. Contato: vetfazdireito@institutodas.com.br www.institutodas.com.br



 **PURINA®**
PRO PLAN®

**UMA NUTRIÇÃO EXCEPCIONAL
É O IMPULSO PARA UMA
VIDA EXTRAORDINÁRIA
TODOS OS DIAS**

® Marca Registrada de Société des Produits Nestlé S.A.

 **PURINA®**

Your Pet, Our Passion.®

APETITE SELETIVO EM CÃES: COMO A NUTRIÇÃO PODE AJUDAR

PURINA PRO PLAN PALADAR EXIGENTE

APOSTA EM SABOR ESPECIAL, ALTA PROTEÍNA, DENSIDADE DE NUTRIENTES E GRÃOS DIFERENCIADOS PARA ESTIMULAR A ACEITAÇÃO

» DANIELLE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br

A seletividade alimentar é um problema enfrentado por muitos responsáveis por cães, que se veem à frente de pets que se recusam de forma consistente a consumir determinados alimentos, ao mesmo tempo que apresentam interesse por outras alternativas alimentares, como petiscos ou comida caseira.

Esse quadro é diferente da redução de apetite, que envolve uma queda global da ingestão de alimento, muitas vezes, acompanhada de outros sinais clínicos, como apatia, perda de peso, alterações gastrointestinais e mudança de comportamento.

As causas para a seletividade costumam ser multifatoriais. De acordo com Priscila Rodrigues, gerente de in-

formação veterinária de Nestlé Purina, entre elas estão fatores comportamentais e de manejo.

Antes de diagnosticar um animal com seletividade alimentar o médico-veterinário precisa descartar causas clínicas. “Dor, alterações orais ou doenças sistêmicas também podem se manifestar como recusa alimentar. Quando o fator determinante é a palatabilidade e as características do alimento, a escolha de uma fórmula pensada para cães exigentes faz diferença”, afirma.

Se for confirmada a seletividade, o desafio se torna oferecer um alimento completo que seja, ao mesmo tempo, atraente e nutritivo. Ciente desses desafios, o Purina Pro Plan Paladar Exigente foi criado.



CAUSAS PARA A SELETIVIDADE

- 1 Oferta frequente de petiscos e troca constante de alimento;
- 2 Estresse e mudanças de rotina;
- 3 Preferências próprias de aroma, sabor e textura;
- 4 Palatabilidade, formato e densidade de nutrientes dos alimentos.

O PAPEL DOS RESPONSÁVEIS NA SELETIVIDADE ALIMENTAR.

É comum que a seletividade alimentar seja associada apenas às características dos alimentos, porém os responsáveis por cães podem influenciar diretamente o problema. Conforme explica Priscila, no dia a dia, a oferta frequente de petiscos e comidas caseiras, a substituição do alimento sempre que o pet recusa e o hábito de oferecer alternativas mais palatáveis podem acabar reforçando a seletividade, visto que o animal aprende que, ao recusar, receberá algo mais atraente.

“Estabelecer consistência na rotina alimentar é um dos pilares para prevenir e manejar esse comportamento. E, para que o responsável consiga manter essa consistência, ajuda muito ter um alimento que já seja, por si só, saboroso e completo. O Purina Pro Plan Paladar Exigente foi pensado para isso: unir alta palatabilidade e nutrição completa, reduzindo a tentativa de recorrer a substituições”, diz.

Mudanças no ambiente, na rotina da família, a chegada de novos animais e situações estressantes também podem contribuir para o quadro.

Devido a isso, é fundamental manter um ambiente tranquilo, com local de alimentação adequado e horários previsíveis. Segundo a gerente, esse cuidado favorece uma relação mais estável com a comida.

CARACTERÍSTICAS IMPORTANTES DO ALIMENTO.

Diversos atributos podem influenciar a aceitação dos cães por um alimento. Aroma, sabor, textura, formato, tamanho do grão, densidade de nutrientes e qualidade dos ingredientes estão entre eles. “Um alimento com proteína de alta qualidade como primeiro ingrediente e sabor atraente tende a favorecer a aceitação, mesmo entre os pets mais seletivos. Já os grãos pequenos e diferenciados nos formatos, especialmente projetados para cães de porte mini e pequeno, facilitam a apreensão e o consumo”, pontua.

Além disso, a apresentação do alimento, seja ele úmido ou seco, também pode interferir na aceitação.

Segundo a gerente, o alimento úmido tende a ter mais aroma e palatabilidade, o que pode estimular a aceitação, enquanto o alimento seco contribui para a praticidade e para a saúde oral.

Para a profissional, a combinação dos dois formatos, quando bem orientada, pode enriquecer a experiência sensorial e favorecer o consumo em animais seletivos, desde que respeitando as necessidades nutricionais e o balanceamento da dieta.

DIFERENCIAIS DA FÓRMULA. O desenvolvimento do Purina Pro Plan Paladar Exigente partiu de uma necessidade real: alguns cães, sobretudo os de porte mini e pequeno, podem ser bastante seletivos com a alimentação, o que representa um desafio no dia a dia dos responsáveis.

Para atender a esse perfil, o produto explora os limites da ciência e oferece uma nutrição completa e atraente, que combina sabor especial, alta proteína e densidade de nutrientes. “É a tradução, em produto, do propósito de Purina Pro Plan de alcançar o excepcional também para os cães mais exigentes”, destaca.

Indicado para cães adultos de porte mini e pequeno, Priscila comenta que, entre os atributos da fórmula, estão a carne de frango como primeiro ingrediente, uma fonte de proteína de alto valor biológico e elevada digestibilidade. “O teor de 30% de proteína está associado a um sabor especial e à alta densidade de nutrientes, que tornam a refeição atraente mesmo para os animais mais exigentes. O produto conta ainda com grãos menores em formato diferenciado, especialmente projetados para raças pequenas, favorecendo a apreensão e o consumo, além de ser formulado sem corantes e com antioxidantes naturais”, explica.

Outro diferencial é a proposta de ofertar benefícios 3 em 1. Com isso, combina estímulo à aceitação com fortalecimento do sistema imunológico, por meio de beta-glucanos, antioxidantes, selênio e vitaminas, e o cuidado com a saúde oral, graças à tecnologia de controle de tártaro, que auxilia na redução do acúmulo de placas bacterianas nos dentes.

QUANDO PRESCREVER UM ALIMENTO PARA SELETIVIDADE ALIMENTAR.

A recomendação de alimentos para animais com seletividade alimentar deve aliar qualidade nutricional com boa palatabilidade.

O Purina Pro Plan Paladar Exigente é um alimento completo e balanceado super premium, indicado para cães adultos, a partir de um ano, de porte mini e pequeno. “O produto é especialmente relevante para situações de seletividade alimentar de origem comportamental ou de manejo, e para os responsáveis que enfrentam dificuldades na aceitação do alimento e buscam uma solução que combina alta palatabilidade, nutrição completa e cuidados adicionais, como o suporte imunológico e cuidado com a saúde oral”, afirma a gerente de Nestlé Purina.

Antes de prescrevê-lo aos pacientes, o médico-veterinário deve avaliar o animal de forma individual, descartar causas clínicas e confirmar a adequação do alimento ao perfil do pet.

“Cada atributo da fórmula do Purina Pro Plan Paladar Exigente foi pensado para atuar sobre um dos fatores que determinam a aceitação. Além do sabor atraente, a composição reúne benefícios 3 em 1, satisfazendo os cães mais seletivos e contribuindo para uma nutrição adequada”, finaliza Priscila. ■

Priscila Rodrigues,
gerente de
informação
veterinária de
Nestlé Purina



PALATABILIDADE ALÉM DO SABOR

INGREDIENTES, PROCESSAMENTO E COMPORTAMENTO
ESTÃO ENTRE OS FATORES QUE DETERMINAM A ACEITAÇÃO
DOS ALIMENTOS POR CÃES E GATOS

» **STÉFANI CAMPOS CHAGAS**
stéfani@dc7comunica.com.br

A palatabilidade é um dos pontos estratégicos no desenvolvimento de alimentos para cães e gatos. Mais do que tornar um produto atrativo, ela está relacionada à capacidade de favorecer o consumo e precisa ser trabalhada em conjunto com composição nutricional, tecnologia de processamento e características sensoriais.

Em alimentos secos extrusados, por exemplo, alterações de matérias-primas e processos podem modificar aroma, sabor e textura. Nesse contexto, os palatabilizantes assumem papel importante, mas seu efeito não deve ser analisado isoladamente.

A resposta do animal resulta da interação entre as características do alimento e fatores fisiológicos e compor-

tamentais. “O palatabilizante é um ingrediente ou sistema de ingredientes utilizado na formulação ou aplicado ao alimento. Já a palatabilidade representa uma resposta muito mais ampla”, explica João Marcel Camargo, zootecnista pós-graduado em Comportamento Animal e em Nutrição de Cães e Gatos, e consultor em desenvolvimento de produtos para animais de companhia.

DIVERSIDADE DE INGREDIENTES. Palatabilizantes podem ser formados por diferentes ingredientes. Entre as categorias tradicionais estão os digestos de origem animal, obtidos por processos que quebram proteínas e resultam em peptídeos e aminoácidos.

Também são utilizados hidrolisados proteicos, gorduras e óleos, derivados



de leveduras, proteínas vegetais, aminoácidos e produtos de fermentação.

As reações de Maillard também têm relevância, pois podem gerar compostos associados a aromas de alimentos cozidos, assados e cárneos.

A origem da matéria-prima, porém, não determina sozinha a eficiência. Composição química, grau de hidrólise, perfil de peptídeos e aminoácidos, compostos voláteis, concentração e interação com os demais componentes interferem no resultado. “Faz mais sentido falar em sistemas de palatabilidade do que imaginar que um único ingrediente seja responsável pela aceitação do produto”, afirma.

ESCOLHA COMEÇA NA FORMULAÇÃO.

Derivados de proteínas animais continuam relevantes, especialmente em alimentos secos, enquanto novas fontes vêm sendo estudadas, como proteínas vegetais, leveduras, produtos de fermentação, coprodutos e insetos.

Hidrolisados de *Hermetia illucens* e *Tenebrio molitor* apresentam potencial, mas espécie, enzima utilizada e processamento podem modificar suas características. Assim, uma matéria-prima não pode ser considerada mais palatável apenas por sua origem.

A escolha deve considerar espécie, idade, composição nutricional, teor de gordura e fibras, textura, formato e processamento. Uma dieta para controle de peso, por exemplo, pode apresentar alterações que interfiram nas características sensoriais.

O sistema de palatabilidade precisa, portanto, ser compatível com a proposta nutricional do alimento.

A APLICAÇÃO TAMBÉM IMPORTA. A forma de incorporação pode interferir na eficiência. Em alimentos secos extrusados, é comum o uso de revestimento superficial após a extrusão e a secagem, processo conhecido como coating.

Dependendo da tecnologia, gorduras e palatabilizantes líquidos ou em pó podem ser aplicados sobre os kibbles.

Também existem componentes incorporados à massa antes da extrusão. Nesse caso, as condições de processamento precisam ser consideradas, pois podem modificar suas características.



João Marcel Camargo é zootecnista, pós-graduado em Comportamento Animal e em Nutrição de Cães e Gatos

A localização dos compostos influencia a experiência alimentar. Antes da ingestão, o animal recebe estímulos olfativos; durante a apreensão e mastigação, entram em cena sabor, textura e outras sensações. “Não basta perguntar qual ingrediente foi utilizado. Também precisamos perguntar quanto foi utilizado, em qual forma física, em que momento do processamento e como foi aplicado ao alimento”, destaca Camargo.

CÃES E GATOS TÊM RESPOSTAS DIFERENTES. As particularidades fisiológicas e comportamentais das espécies também influenciam a percepção dos alimentos. Cães e gatos apresentam estratégias alimentares distintas, e isso se reflete na resposta aos estímulos sensoriais.

Um exemplo está na percepção do sabor doce. Os gatos apresentam alteração no gene TAS1R2, relacionado a um dos componentes do receptor desse sabor, o que ajuda a explicar por que não respondem aos açúcares da mesma maneira que espécies com esse mecanismo funcional. Os felinos também possuem respostas relevantes a aminoácidos e compostos associados a alimentos de origem animal.

Além das diferenças entre espécies, idade, experiências alimentares, apren-

dizagem, ambiente e estado de fome podem modificar a resposta individual. “Desenvolver palatabilidade significa compreender não apenas a química do alimento, mas também a fisiologia, a evolução e o comportamento alimentar da espécie que irá consumi-lo”, pontua.

COMO AVALIAR A PALATABILIDADE?

Entre os métodos tradicionais para analisar a palatabilidade estão os testes de um recipiente (one-bowl) e dois recipientes (two-bowl). O primeiro permite observar principalmente aceitação e consumo; o segundo compara dois produtos simultaneamente para avaliar preferência relativa.

A distinção é importante: aceitação e preferência não são sinônimos. Um animal pode consumir bem dois alimentos separadamente e, quando recebe ambos, demonstrar preferência por um deles.

Além dos testes de consumo, avaliações comportamentais, testes de ordenação, análises sensoriais e métodos instrumentais vêm sendo utilizados para ampliar a compreensão da resposta dos animais. Ferramentas de inteligência artificial também começam a ser estudadas nesse contexto.

O desenvolvimento de sistemas de palatabilidade acompanha ainda a busca por novas fontes de ingredientes e processos mais sustentáveis. Hidrólise, fermentação e outras tecnologias ampliam as possibilidades de modificar matérias-primas e obter diferentes perfis sensoriais. Ao mesmo tempo, alimentos destinados a objetivos nutricionais específicos exigem estratégias cada vez mais precisas. Dietas para controle de peso, envelhecimento ou saúde gastrointestinal podem apresentar mudanças de composição capazes de alterar aroma, sabor e textura.

Nesse cenário, o palatabilizante deixa de ser apenas um componente para tornar o alimento mais atrativo e passa a integrar uma estratégia que reúne nutrição, tecnologia de alimentos, ciência sensorial e comportamento animal.

Para Camargo, o caminho é desenvolver sistemas cada vez mais específicos, capazes de favorecer a aceitação sem perder de vista a qualidade nutricional, a segurança e a finalidade do alimento. ■

GOMA XANTANA NOS SACHÊS: DEVEMOS NOS PREOCUPAR?

» THAIS XIMENES, MONIQUE PALUDETTI
E ERIKA PEREIRA

A introdução da alimentação úmida na rotina de cães e gatos é uma excelente estratégia para aumentar a ingestão hídrica e tornar as refeições mais palatáveis^(1,2). No entanto, ao ler o rótulo dos sachês, responsáveis por pets frequentemente se deparam com ingredientes de nomes complexos. Entre eles, está a goma xantana, cujo uso passou recentemente a gerar questionamentos nas redes sociais.

A goma xantana é um polissacarídeo, ou seja, várias moléculas de açúcar unidas, obtido por meio da fermentação de carboidratos realizada por bactérias da espécie *Xanthomonas campestris*⁽³⁾.

O debate sobre a segurança do uso da goma xantana ganhou força após a repercussão de um estudo experimental conduzido com ratos por pesquisadores da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e divulgado pela Agência FAPESP.

A pesquisa apontou que a ingestão do aditivo em roedores esteve associada a alterações em alguns marcadores relacionados à inflamação intestinal⁽⁴⁾. Contudo, há uma distância considerável entre a observação em um modelo experimental e a sua aplicação prática na rotina de cães e gatos saudáveis.

Nas redes sociais, achados experimentais podem se misturar de forma equivocada com um alerta médico real. Alguns autores associaram o desenvolvimento de enterocolite necrosante em neonatos humanos ao consumo de agentes espessantes à base de goma xantana adicionados diretamente a fórmulas infantis^(5,6).

Essa correlação surgiu após relatos de casos submetidos à U.S. Food and Drug Administration (FDA) em 2011 de bebês prematuros que desenvolveram enterocolite necrosante tardia após o uso ad libitum do espessante comercial SimplyThick, um produto originalmente desenvolvido para adultos com disfagia que foi administrado de forma off-label nas fórmulas lácteas desses recém-nascidos para controle de refluxo⁽⁵⁾.

A hipótese levantada nesses casos clínicos específicos é que a imaturi-

dade do intestino de recém-nascidos prematuros, combinada ao acúmulo de água, açúcares e ácidos graxos de cadeia curta gerados pela fermentação da goma xantana, poderia sobrecarregar o trato digestivo imaturo e desencadear uma cascata inflamatória^(5,6).

Contudo, como reforça a Autoridade Europeia para a Segurança Alimentar (EFSA), os casos descritos de enterocolite necrosante não foram relacionados ao uso da goma xantana como aditivo alimentar incorporado durante o processo de fabricação de fórmulas infantis. Os casos envolveram a adição direta do produto espessante que continha goma xantana, seja ao leite materno ou à fórmula, sem quantidades definidas⁽³⁾.

Avaliações de longo prazo realizadas em animais de laboratório, incluindo um estudo de dois anos em ratos e cães, não identificaram efeitos adversos associados à ingestão de goma xantana em doses de até 1.000 mg/kg de peso corporal por dia, a maior dose testada⁽⁷⁾.

Em avaliações técnicas de seu uso como aditivo tecnológico em alimentos para animais, foram relatados níveis de inclusão da ordem de 0,01% a 1,0%, o que corresponderia, por exemplo, a aproximadamente 8,5 a 850 mg em um sachê de 85 g^(8,9).

No âmbito regulatório internacional, a EFSA reavalia periodicamente o aditivo e conclui, com base nas evidências disponíveis, que ele não é absorvido de forma intacta pelo trato gastrointestinal, sendo apenas parcialmente fermentado pela microbiota local sem gerar riscos toxicológicos sistêmicos ou genotoxicidade⁽³⁾.

Inclusive, a Federação Europeia da Indústria de Alimentos para Animais de Companhia (FEDIAF) tem atuado junto à EFSA para coordenar avaliações científicas e garantir a segurança do uso de aditivos como a goma xantana nas formulações comerciais⁽¹⁰⁾.

Vale destacar que o uso da goma xantana é amplamente difundido na alimentação humana há décadas, sendo encontrada em diversos produtos

como massas e panificados sem glúten, sorvetes, iogurtes, molhos, sopas instantâneas e produtos de confeitaria, com a finalidade tecnológica de estabilizar e conferir textura⁽¹¹⁾.

Para cães e gatos saudáveis, portanto, não há evidências disponíveis que indiquem motivo para preocupação com a presença de goma xantana nos alimentos úmidos comerciais, quando utilizada nas concentrações previstas para esses produtos.

Na indústria pet, a goma xantana é utilizada com função tecnológica de agente espessante, emulsificante e estabilizante em sachês e patês, garantindo a homogeneidade do molho e prevenindo a separação dos ingredientes. Nessas condições, seu uso é considerado seguro^(8,9,12).

Em caso de dúvidas sobre rótulos ou se o animal apresenta sensibilidades gastrointestinais particulares, a orientação de um especialista em Nutrição e Nutrologia de cães e gatos é sempre o caminho mais seguro. ■



Thais Ximenes, médica-veterinária, ex-residente em Nutrição e Nutrição Clínica de Cães e Gatos pela UNESP/Jaboticabal e pós-graduanda em Endocrinologia Veterinária pela Equalis Veterinária. Clínica na área de Nutrição Clínica de cães e gatos. E-mail: thais.ximenes@unesp.br

Monique Paludetti, médica-veterinária, ex-residente de Nutrição e Nutrição Clínica de Cães e Gatos pela UNESP/Jaboticabal, doutoranda em Clínica Médica com ênfase em Nutrição de Cães e Gatos pela FMVZ-USP e clínica na área de Nutrição de cães e gatos. E-mail: monique.paludetti@usp.br

Erika Pereira, médica-veterinária com residência em Clínica Médica de Cães e Gatos pela UFF, especialização em Nutrição e Nutrologia pela ANCLIVEPA-SP e mestre pelo programa de Clínica Veterinária da FMVZ-USP. E-mail: mverikapereira@gmail.com

VETNIL® REÚNE 550 PROFISSIONAIS NO 1º ENCONTRO NACIONAL DE VETERINÁRIOS DOMICILIARES

A Vetnil®, empresa brasileira do setor veterinário, realizou, nos dias 18 e 19 de setembro, o 1º Encontro Nacional de Veterinários Domiciliares Vetnil®, no Itu Plaza Hotel, em Itu, interior de São Paulo. O evento reuniu 550 profissionais para dois dias de palestras e troca de experiências sobre os desafios clínicos, administrativos e profissionais do atendimento de animais em domicílio.

Criado especialmente para esse segmento, o encontro abordou clínica de pequenos animais, gestão do negócio, formação de preços, mudanças tributárias, inteligência artificial e desenvolvimento de carreira. A programação também discutiu as particularidades da atuação fora da estrutura convencional de clínicas e hospitais.

Para Leandro Foglia, diretor comercial da Vetnil®, a iniciativa acompanha o crescimento e a maior visibilidade conquistada pela Medicina Veterinária domiciliar, especialmente a partir da pandemia.

“O atendimento domiciliar reúne desafios que vão além dos cuidados

com o animal e exige conhecimentos específicos de clínica, gestão e relacionamento com as famílias. O encontro foi criado para ampliar a capacitação, promover a troca de experiências e contribuir para que esses profissionais desenvolvam a carreira e administrem o próprio negócio”, afirma.

CONTEÚDO TÉCNICO E GESTÃO. A programação contemplou situações vivenciadas durante os atendimentos nas residências, como clínica e comportamento felino, doenças dermatológicas e cuidados puerperais e neonatais.

A médica-veterinária Patrícia Furtado Malard, CEO da Bio Cell by Vetnil®, apresentou conceitos e casos clínicos relacionados à terapia celular. Já Cristiano de Sá, diretor de Marketing e Novos Negócios da Vetnil®, compartilhou dados sobre o mercado veterinário e o segmento domiciliar.

Os participantes também acompanharam conteúdos sobre formalização do negócio, possíveis impactos da Reforma Tributária, precificação dos serviços e uso da inteligência artificial na organização da rotina

e na gestão dos atendimentos. No encerramento do primeiro dia, o empreendedor e escritor Geraldo Rufino, fundador da JR Diesel, falou sobre resiliência, empreendedorismo e capacidade de recomeçar diante de dificuldades profissionais.

HOMENAGENS E TROCA DE EXPERIÊNCIAS. Durante o encontro, a Vetnil® homenageou os médicos-veterinários Rodrigo Moreira Chagas e Igor Christian Magno Gonçalves por suas contribuições à Medicina Veterinária domiciliar. Os profissionais compartilharam experiências acumuladas em áreas como Clínica de Pequenos Animais, Geriatria Veterinária e atendimento de animais silvestres e exóticos.

O evento contou ainda com uma área de exposição, que reuniu entidades como Ampara Animal e Instituto Caramelo, além de ações interativas e uma atividade de retrato profissional. Um aplicativo exclusivo permitiu consultar a programação, conhecer palestrantes e parceiros, avaliar as apresentações e interagir com os participantes. ■



Bionatural

SENSITIVE

SUPER PREMIUM NATURAL

SUPOORTE PARA PELES SENSÍVEIS

Disponível para Cães Adultos de
Porte Pequeno, Médio e Grande.



A linha Bionatural Sensitive foi desenvolvida com base em estudos de Avaliação de Ciclo de Vida (ISO 14040 e 14044), reconhecida metodologia de mensuração de impactos ambientais.



A proteína de inseto (Black Soldier Fly) se destaca por seu baixo potencial alergênico, além de ser mundialmente reconhecida como uma alternativa inovadora para reduzir o impacto ambiental.



Escaneie o QR Code para
acessar a formulação, níveis de
garantia e todas as informações
da Bionatural Sensitive.

www.bionaturalpet.com.br

bionaturalpetoficial

bionaturalpet

UMA LINHA
Special Dog
COMPANY

INTOXICAÇÕES ALIMENTARES FATAIS EM CALOPSITAS

▷ RAQUEL NAOMI TANAKA SCADUTO

As calopsitas (*Nymphicus hollandicus*) estão entre as aves de companhia mais populares, destacando-se pela inteligência, sociabilidade, capacidade de vocalização e facilidade em desenvolver vínculos.

Essa proximidade com os seres humanos faz com que sejam frequentemente mantidas soltas pela residência e incluídas na rotina familiar, inclusive nos momentos de alimentação, o que também aumenta a possibilidade de exposição accidental a substâncias potencialmente tóxicas.

A oferta de alimentos destinados ao consumo humano é comum entre os responsáveis, muitas vezes como forma de recompensa ou demonstração de afeto. Entretanto, diversos alimentos aparentemente inofensivos podem provocar alterações metabólicas, gastrointestinais, neurológicas e cardiovasculares, podendo evoluir para intoxicações graves e até resultar em óbito.

O pequeno porte das calopsitas também é um fator relevante, pois mesmo pequenas quantidades de determinados agentes podem representar doses elevadas para o organismo.

Além disso, particularidades do metabolismo e da eliminação de substâncias podem aumentar a susceptibilidade das aves a determinados agentes tóxicos.

As intoxicações podem apresentar rápida evolução dos sinais clínicos, reduzindo a janela para identificação da exposição, diagnóstico e tratamento. Dessa forma, o reconhecimento pre-

coce dos sinais e da possível fonte de intoxicação é fundamental para aumentar as chances de recuperação.

NEM TUDO QUE É NATURAL É SEGURO.

Um equívoco frequente é considerar que frutas, verduras, sementes ou plantas são automaticamente seguras para as calopsitas por serem naturais. Contudo, diversos vegetais podem conter compostos tóxicos, cuja concentração varia conforme a espécie e a parte da planta. Além disso, o consumo excessivo de vegetais com elevado teor de água pode favorecer alterações gastrointestinais, como fezes mais aquosas e diarreia.

Também é importante avaliar quais partes de cada alimento são adequadas para o consumo, pois sementes, caroços, folhas, caules e outras estruturas vegetais podem apresentar diferentes concentrações de compostos potencialmente nocivos. Assim, a segurança de determinada fruta ou vegetal não significa que todas as suas partes possam ser fornecidas à ave.

Outro fator a ser considerado são os resíduos de agrotóxicos, contaminantes ambientais e microrganismos presentes nos alimentos de origem vegetal. A seleção adequada, a higienização e o preparo correto são medidas importantes para reduzir riscos e garantir maior segurança no manejo alimentar das calopsitas.

CUIDADO COM O QUE PARECE INOFENSIVO. Um dos principais desafios na

prevenção das intoxicações em aves de companhia são as exposições accidentais no ambiente doméstico. Calopsitas soltas pela residência podem ter acesso a alimentos humanos, plantas e outros materiais potencialmente tóxicos, sendo que o comportamento exploratório e a manipulação com o bico favorecem a ingestão inadvertida.

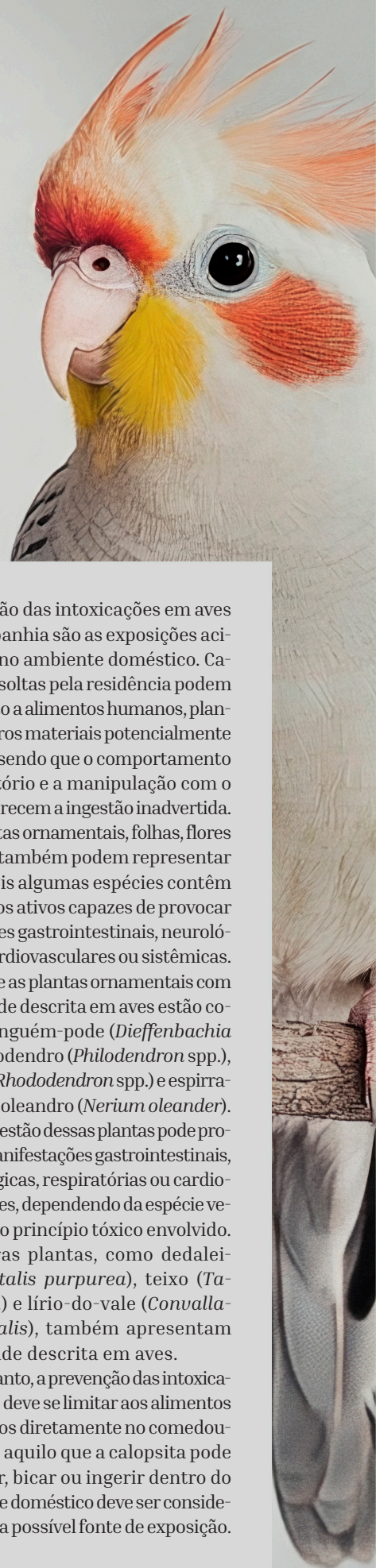
Plantas ornamentais, folhas, flores e frutos também podem representar risco, pois algumas espécies contêm princípios ativos capazes de provocar alterações gastrointestinais, neurológicas, cardiovasculares ou sistêmicas.

Entre as plantas ornamentais com toxicidade descrita em aves estão comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia* spp.), filodendro (*Philodendron* spp.), azaleia (*Rhododendron* spp.) e espiro-deira ou oleandro (*Nerium oleander*).

A ingestão dessas plantas pode provocar manifestações gastrointestinais, neurológicas, respiratórias ou cardiovasculares, dependendo da espécie vegetal e do princípio tóxico envolvido.

Outras plantas, como dedaleira (*Digitalis purpurea*), teixo (*Taxus* spp.) e lírio-do-vale (*Convallaria majalis*), também apresentam toxicidade descrita em aves.

Portanto, a prevenção das intoxicações não deve se limitar aos alimentos oferecidos diretamente no comedouro. Tudo aquilo que a calopsita pode alcançar, bicar ou ingerir dentro do ambiente doméstico deve ser considerado uma possível fonte de exposição.



ALIMENTOS POTENCIALMENTE TÓXICOS E SEUS COMPONENTES

1. Abacate

É uma fruta potencialmente tóxica devido a presença de um derivado de ácido graxo denominado persina, que é um fungicida natural e potente contra o ataque de pragas agrícolas.

A toxina desencadeia sintomatologia cardiorrespiratória, por conta da ação direta no miocárdio, causando degeneração e necrose celular, e gastrointestinal, pois em contato com a mucosa resulta em processos inflamatórios.

Além disso, por ter um alto teor calórico, o abacate pode induzir pancreatite, tornando-se ainda mais prejudicial.

Os sinais clínicos da intoxicação incluem dispnéia, penas eriçadas, regurgitação, diarreia, apatia, letargia, fraqueza, taquicardia e arritmias, podendo surgir algumas horas após a ingestão e evoluir rapidamente para óbito em casos graves.

Exames laboratoriais podem indicar alterações hepáticas, renais e hematológicas, enquanto os achados de necropsia podem incluir edema pulmonar, efusão pleural e pericárdica, congestão de órgãos, cardiomiopatia, insuficiência cardíaca e degeneração ou necrose de células cardíacas, hepáticas e renais.

2. Chocolate

Representa importante risco para calopsitas devido à presença de metilxantinas, principalmente teobromina e cafeína, que atuam sobre os sistemas nervoso e cardiovascular.

Por conta do baixo peso corporal das aves, mesmo pequenas quantidades podem representar uma exposição relevante. Os sinais clínicos incluem hiperexcitabilidade, agitação, tremores, incoordenação, taquicardia, arritmias, alterações respiratórias e convulsões, podendo evoluir, em casos graves, para colapso, coma e óbito. O risco é maior com produtos que apresentam elevada concentração de cacau, como chocolates amargos e produtos destinados à culinária.

3. Cafeína

Presente em café, chás, bebidas energéticas, refrigerantes à base de cola e alguns

medicamentos, representa importante risco de intoxicação para calopsitas.

Por ser uma metilxantina estimulante do sistema nervoso central, pode afetar os sistemas cardiovascular e respiratório. Os sinais incluem agitação, hiperatividade, vocalização excessiva, tremores, incoordenação, taquicardia, alterações do ritmo cardíaco, aumento da frequência respiratória e convulsões, podendo evoluir, em exposições graves, para prostração, colapso e óbito.

Da mesma forma, bebidas alcoólicas não devem ser oferecidas às calopsitas. O etanol é rapidamente absorvido e pode provocar depressão do sistema nervoso central, alterações de coordenação, hipotermia, depressão respiratória e alterações metabólicas, podendo resultar em quadros graves de intoxicação.

4. Alimentos ultraprocessados ou excessivamente ricos em sódio, açúcares e lipídios

Embora esses produtos nem sempre estejam associados a uma intoxicação aguda, sua ingestão frequente está relacionada ao desequilíbrio nutricional e pode contribuir para obesidade, alterações hepatometabólicas e outras enfermidades decorrentes de manejo alimentar inadequado.

5. Metais

Devido ao comportamento exploratório intenso, com bicagem e manipulação de objetos, pode ocorrer a ingestão acidental de materiais metálicos potencialmente tóxicos.

A soltura em ambiente doméstico aumenta essa exposição, especialmente pelo contato com chaves, moedas, tintas, brinquedos, cliques, grampos e estruturas metálicas. Entre os principais agentes envolvidos estão chumbo (Pb) e zinco (Zn), encontrados em tintas, revestimentos, bijuterias, objetos galvanizados, gaiolas, comedouros e brinquedos metálicos.

A ingestão desses materiais pode desencadear intoxicações graves, com alterações principalmente nos sistemas digestório, neurológico e hematológico.

COMO RECONHECER OS SINAIS DE INTOXICAÇÃO.

Em caso de suspeita de intoxicação, não se deve aguardar o aparecimento de sinais clínicos, considerando a rápida evolução das toxicoses em aves e o risco de óbito.

Apatia, regurgitação, alterações respiratórias, tremores, perda de equilíbrio, convulsões, alterações cardíacas ou mudanças repentinas de comportamento são sinais de alerta, mas sua ausência inicial não exclui o risco.

A prevenção permanece fundamental: conhecer os alimentos potencialmente tóxicos e mantê-los fora do alcance das aves reduz o risco de exposições acidentais, já que mesmo pequenas quantidades podem representar doses significativas para uma calopsita.

MANEJO NUTRICIONAL ADEQUADO COMO PREVENÇÃO.

A prevenção das intoxicações também depende de um manejo nutricional adequado, com seleção criteriosa e oferta equilibrada de frutas e vegetais, sem utilizá-los como substitutos de uma dieta nutricionalmente completa.

As necessidades alimentares das calopsitas variam conforme idade, condição corporal, estado fisiológico, atividade física e presença de enfermidades. Além disso, o interesse da ave pela alimentação do responsável está relacionado à curiosidade, aprendizagem social ou busca por interação.

Nesses casos, devem ser oferecidas alternativas nutricionalmente seguras, evitando o compartilhamento indiscriminado de alimentos humanos. ■



Raquel Naomi Tanaka Scaduto,
médica-veterinária mestre em animais selvagens pela Unesp de Botucatu.
E-mail: na.tanaka@hotmail.com;
Instagram: [dranaomi.medvet](https://www.instagram.com/dranaomi.medvet)



Sua marca é aquilo que dizem quando você não está presente

Toda empresa escolhe como deseja ser vista. Define identidade visual, posicionamento, tom de comunicação e valores que pretende transmitir. No mercado pet, esse processo se tornou cada vez mais profissional, acompanhando a evolução do setor e o crescimento da concorrência.

Mas existe um aspecto da marca que nenhuma empresa controla completamente: sua reputação. Existe uma diferença importante entre identidade e reputação. A identidade é construída pela própria empresa. Ela está presente no logotipo, na comunicação, nas campanhas e na forma como a marca decide se apresentar ao mercado.

A reputação, por outro lado, é construída pelo público. Ela nasce da soma das experiências, das recomendações, das avaliações e da confiança conquistada ao longo do tempo.

Essa diferença ganha ainda mais relevância no mercado pet, onde as decisões envolvem vínculos afetivos profundos.

O responsável pelo animal pode conhecer uma clínica por meio das redes sociais, mas sua percepção será influenciada pela facilidade de agendamento, pela clareza das informações, pelo atendimento da equipe, pelo cuidado durante a consulta e, muitas vezes, pelos comentários encontrados na internet.

É justamente por isso que o marketing não pode ser entendido apenas como comunicação, ele também precisa refletir a experiência que a empresa entrega. Quando existe coerência entre aquilo que a marca promete e aquilo que o cliente vivencia, a reputação se fortalece naturalmente. Quando essa coerência não existe, nenhuma campanha consegue sustentá-la por muito tempo.

Outro ponto que merece atenção é que a reputação deixou de ser construída apenas pelo boca a boca tradicional. Hoje, avaliações online, depoimentos espontâneos e comentários nas redes sociais influenciam

diretamente a decisão de novos clientes.

Em muitos casos, a primeira impressão sobre uma clínica ou empresa pet é formada antes mesmo do primeiro contato presencial.

Isso exige uma mudança de perspectiva. Em vez de perguntar apenas “como queremos comunicar nossa marca?”, vale perguntar “qual experiência estamos proporcionando para que as pessoas falem da nossa marca?”. A resposta costuma revelar muito mais sobre o posicionamento da empresa do que qualquer slogan.

Essa construção também depende da equipe. Cada colaborador representa a marca em diferentes momentos da jornada. Uma recepção acolhedora, uma orientação clara, uma resposta atenciosa ou um acompanhamento após o atendimento comunicam valores com muito mais força do que qualquer peça publicitária.

Marcas fortes não são aquelas que falam mais sobre si mesmas. São aquelas que conseguem fazer com que outras pessoas falem delas de forma positiva. A reputação não é criada em uma campanha, mas construída diariamente em cada interação.

No mercado pet, confiança continua sendo o principal ativo de uma marca. E ela não nasce apenas do que a empresa comunica. Nasce, principalmente, daquilo que as pessoas vivem, lembram e compartilham quando a marca já não está presente. ■

O MARKETING NÃO PODE SER ENTENDIDO APENAS COMO COMUNICAÇÃO, ELE TAMBÉM PRECISA REFLETIR A EXPERIÊNCIA QUE A EMPRESA ENTREGA. QUANDO EXISTE COERÊNCIA ENTRE AQUILO QUE A MARCA PROMETE E AQUILO QUE O CLIENTE VIVENCIA, A REPUTAÇÃO SE FORTALECE NATURALMENTE

Franciele Pavei é médica-veterinária e especialista em marketing estratégico para o mercado pet, tendo atuação voltada a comunicação assertiva e ao posicionamento de marcas

Ateno Injetável

Maropitant



Se o vômito der sinal | Ateno dá a resposta.



**Antiemético completo na indicação.
Versátil na apresentação.**

Único maropitant injetável indicado para cães e gatos,
nas apresentações de 10 mL e 30 mL.



**RÁPIDO
CONTROLE
DE VÔMITOS
E NÁUSEAS**



**SEGURO
PARA CÃES
E GATOS**



**VERSATILIDADE:
FRASCOS DE
10 ML E 30 ML**

bioVet
vet para todos



Pets como família: vínculo emocional aumenta a importância do cuidado, mas custos ainda são uma barreira

■ COAUTORA: ANA PURCHIO

Cada vez mais, cães e gatos ocupam um lugar que vai muito além da companhia: são considerados parte da família. Entretanto, conciliar a crescente importância dos animais com os custos dos cuidados veterinários ainda é um desafio, o que reforça a necessidade de ampliar o acesso à saúde animal.

Nesse cenário, centros veterinários vinculados a universidades podem exercer um papel relevante ao aproximar atendimento de qualidade, formação acadêmica e serviços a preços mais acessíveis para a população.

Uma pesquisa publicada na revista científica *Anthrozoös* mostrou que enxergar o pet como membro da família está associado à percepção de maior suporte social oferecido pelo animal e a melhores indicadores de bem-estar dos responsáveis, mas, no Brasil, a condição socioeconômica ainda é uma barreira para manter a saúde pet por longos anos de vida.

Um estudo transversal realizado em Santa Maria (RS), com 414 domicílios atendidos pela Estratégia de Saúde da Família (ESF), identificou que 88,5% tinham animais de estimação (cães e gatos), mas apenas 18,4% foram castrados. Os níveis mais elevados de renda estavam associados a maior frequência de monitoramento veterinário, vacinação, esterilização e tratamentos antiparasitários.

Em 2026, a *Frontiers in Veterinary Science*, realizou uma pesquisa com 1.885 responsáveis por cães e gatos nos Estados Unidos e investigou a percepção dos custos dos atendimentos veterinários, destacando a sua importância para auxiliá-los no planejamento dos cuidados.

Diante desses estudos, conversei com o coordenador clínico do Centro de Medicina Veterinária (CVM) da Universidade São Judas, Antero Matias, que me contou

sobre um novo centro recém-inaugurado.

“A Universidade São Judas investe na formação de profissionais e na ampliação do acesso à saúde animal, desde 2017, com a criação do primeiro Centro de Medicina Veterinária (CMV). A inauguração no campus Santana representa mais um passo nessa direção, ao oferecer à população atendimento de qualidade com preços acessíveis. Nossa intenção é contribuir para que o cuidado com cães e gatos esteja cada vez mais ao alcance das famílias, ao mesmo tempo em que proporcionamos aos nossos estudantes uma experiência prática de formação”.

A clínica funciona de segunda à sexta em horário noturno, das 17 às 21h, de portas abertas para atender cães e gatos com valores de baixo custo para consultas, vacinas e cirurgias bem como as unidades Santos, Mooca e Vila Leopoldina.

Alunos do último semestre da graduação acompanham os procedimentos com a supervisão da médica-veterinária Fernanda Mantovani, especializada em Oftalmologia e responsável pela unidade. Em casos cirúrgicos, alunos aprendem em tempo real via câmera instalada.

Precisamos de mais ações como essa! ■

Referências:

- MCCONNELL, Allen R.; LLOYD, E. Paige; HUMPHREY, Brandon T. We are family: viewing pets as family members improves wellbeing. *Anthrozoös*, v. 32, n. 4, p. 459-470, 2019. DOI: 10.1080/08927936.2019.1621516.
- FELIPETTO, L. G.; FERNANDES, F. D.; VOGEL, F. S. F.; FLORES, E. F.; BOTTON, S. A.; SANGIONI, L. A. Demographics and health care profiles of dogs and cats associated with the socioeconomic profile of their tutors in areas assisted by Family Health Strategies in Brazil. *Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia*, v. 74, n. 6, p. 1007-1016, 2022. DOI: 10.1590/1678-4162-12708.
- NEILL, Clinton L.; SHALEK-BRISKI, Abby. Species-specific differences across the rural-urban spectrum for perceived veterinary visit costs among U.S. pet owners. *Frontiers in Veterinary Science*, v. 13, 2026. DOI: 10.3389/fvets.2026.1879445.

José Luiz Tejon é doutor em Educação pela Universidad de La Empresa/Uruguai, mestre em Educação Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie, jornalista e publicitário, com especializações em Harvard, MIT e PACE/USA e Insead na França. Colunista da Rádio Eldorado e Estadão On-line, autor e coautor de 35 livros. Coordenador acadêmico de Master Science Food & Agribusiness Management pela Audencia em Nantes/França e FECAP/Brasil. Professor convidado na FGV In Company, FIA/USP e INSPER. Sócio Diretor da Biomarketing e da TCA International. Ex-diretor do Grupo Estadão, da Agroceres e da Jacto S/A.

Ana Purchio é jornalista, pós-graduada em mídias sociais pelo Senac e cursando Psicologia. Trabalhou no jornal O Estado de S. Paulo, na Agência Estado, na Associação Brasileira de Agronegócio (ABAG) e atualmente é assessora de imprensa da TCA Internacional e Assessora de Comunicação da Convergência Comunicação Estratégica.



6º CONGRESSO INTERNACIONAL

Don't Forget the Animals 2026

One Health • One Welfare

Você é nosso convidado!

○ 6º Congresso Internacional
Don't Forget the Animals 2026

reunirá especialistas e profissionais de diferentes áreas para discutir os caminhos do **bem-estar animal**, a partir de uma visão integrada de saúde, sociedade e sustentabilidade.



16 de novembro

Club Transatlântico
São Paulo

Participe!

Escaneie o QR Code e inscreva-se para viver uma experiência de aprendizado, integração e inovação em Medicina Veterinária e bem-estar animal.



Realização



Apoio



■ WSAVA

ODONTOLOGIA VETERINÁRIA GANHA NOVAS DIRETRIZES

DANDO continuidade à versão divulgada em 2019, a World Small Animal Veterinary Association (WSAVA) atualizou as Diretrizes Globais de Odontologia e apresentou novas recomendações para o cuidado com a saúde oral de cães e gatos.

Entre os conteúdos presentes no guideline estão as doenças orais e dentárias comuns, técnicas diagnósticas e tratamentos, anestesia e controle da dor em procedimentos odontológicos, cuidados dentários domiciliares e nutrição. O documento destaca a importante relação entre a saúde bucal e o bem-estar animal, além de abordar os riscos associados à Odontologia sem anestesia.

As diretrizes foram elaboradas por um grupo multidisciplinar de médicos-veterinários das áreas de Odontologia, Nutrição, Anestesia e Analgesia, e têm como objetivo auxiliar os profissionais a reconhecer e tratar doenças orais e dentárias, promovendo a inclusão da Odontologia na formação veterinária e aumentando a confiança na prestação de cuidados odontológicos adequados em todo o mundo.

No guia, a WSAVA destaca que as doenças dentárias, orais e maxilofaciais estão entre as condições mais frequentes na Clínica de Pequenos Animais. Além de poderem causar dor e infecção, quando não diagnosticadas ou tratadas inadequadamente, representam um proble-

ma relevante de bem-estar animal.

Outro aspecto em evidência é a avaliação odontológica sem o uso de anestesia. O guideline classifica essa abordagem como ineficaz e potencialmente prejudicial, visto que, sem a anestesia, não é possível realizar uma avaliação e um tratamento completos das estruturas orais.

No entanto, aborda os requisitos relacionados à segurança anestésica e ao bem-estar do paciente, sendo fundamental a realização de procedimentos que permitam diagnóstico e tratamento apropriados, e não apenas intervenções superficiais.

A WSAVA também incluiu nesta edição recomendações para cuidados odontológicos em casa, apontando a importância de orientar os responsáveis sobre práticas relevantes voltadas à saúde oral.

Além disso, nas diretrizes, a organização não se concentrou apenas nas recomendações chamadas de “gold standard” como em padrões realistas de atendimento, considerando diferentes níveis de recursos disponíveis. ■



CONFIRA O
GUIDELINE
COMPLETO
PELO QR
CODE



LANÇAMENTOS

INOVAÇÃO **AGENER**. MAIS SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA PARA OS PETS.

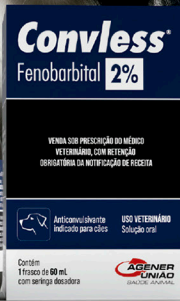
Convless®

**1º PRIMEIRO
FENOBARBITAL
PARA USO VETERINÁRIO.**

A escolha de confiança para o controle das crises convulsivas em cães.



Conheça o
Convless®
Escanee o QR Code
e saiba mais.



**SEM
AÇÚCAR**

Oralclic®

Cuidado que aproxima!

**Higiene oral prática no
dia a dia do seu pet.**

Solução completa para **cães e gatos**, que
facilita a rotina e promove mais saúde.

Conheça o
Oralclic
Escanee o QR Code
e saiba mais.



Sabor
**Tutti
frutti**

A família cresceu!



Conheça o
Aliv Pet®
Escanee o QR Code
e saiba mais.



Aliv Pet®



COM O EXCLUSIVO
Opti-PEActive®
COM O EXCLUSIVO

Agener: contribui com o cuidado do planeta e dos pets abandonados.



Aponte a câmera
do celular e saiba
mais sobre o portfólio
da Agener.

Siga **agener.official**

www.agener.com.br - SAC: 0800 701 1799

Consulte sempre um Médico Veterinário.

**AGENER
UNIÃO**
SAÚDE ANIMAL

SOFT
care
BY PET SOCIETY

O futuro do cuidado dermatológico chegou

LANÇAMENTOS

PHYSA PET SÉRUM

Cães & gatos



PHYSAVIE®: conforto e fortalecimento da pele sensível



Óleo de Girassol Ozonizado: hidratação e proteção

CAT DERMO MOUSSE

Gatos



Mousse de fácil aplicação, sem fragrância: mais praticidade no cuidado



Limpeza eficiente: remove sujidades e pelos mortos



softcareps

SAC 0800 77 22 702
softcare.com.br



Acesse
nosso site

SOFT
care
BY PET SOCIETY

50
Anos